

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU

ROZÂNIA FÁTIMA DA SILVA

A MULHER NEGRA NA REVISTA VEJA (1988/2003/2012)

URUAÇU, NOVEMBRO DE 2013

ROZÂNIA FÁTIMA DA SILVA

A MULHER NEGRA NA REVISTA VEJA (1988/2003/2012)

Monografia, apresentado à Universidade Estadual de Goiás – Unidade universitária de Uruaçu como requisito básico parcial de conclusão do curso de Licenciatura plena em História, sob a orientação do Profº Mestrando Neilson Silva Mendes.

Uruaçu, Novembro de 2013

Página de Aprovação

Rozânia Fátima da Silva

A Mulher Negra na Revista Veja (1988/ 2003/ 2012)

Monografia apresentada no dia ____ de _____ de 2013 e aprovada pela banca examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof^o Mestrando – Neilson Silva Mendes
Orientador

Prof^o Mestre – Ivan Lima Gomes
Arguidor

Prof^o Mestre – Edson Arantes Júnior
Arguidor

Uruaçu, Novembro de 2013

Dedico este trabalho à Lélia Gonzalez (*in memoriam*) – mulher e militante negra, cuja trajetória tem pouca semelhança com a maioria da população negra pois de babá conseguiu se ascender a professora universitária. Na sua militância soube combinar teoria e prática política a fim de oferecer instrumentos na luta contra a opressão vivida pela maioria dos negros no Brasil. Buscou denunciar o mito da democracia racial. Sua vida foi pautada na luta em favor do desenvolvimento de um pensamento que culminasse em melhorias para a mulher negra na sociedade brasileira

Minha esperança é que daqui alguns anos, ou quem sabe no próximo centenário alguém esteja fazendo uma pesquisa sobre a mulher negra contando resultados bem diferentes desta, principalmente, que criação de leis contra discriminação ou implantação de cotas tenham se tornado desnecessárias, afinal não mais existirão diferenças entre negros e brancos. E que a bibliografia utilizada se torne apenas referência para um passado que ficou bem distante. Afinal, nesse sonho não existirá mulher negra, apenas mulheres.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Neilson Silva Mendes, que me aceitou como orientanda. Pela dedicação, paciência e principalmente por me incentivar, transmitindo segurança e acreditar na minha capacidade. E por ter estado presente sempre que eu me deparava com dificuldades. Agradeço ainda por ter me feito acreditar que eu tenho capacidade de ir bem mais além.

Agradeço a todos os professores, pois sei que saio da universidade como uma nova pessoa, não só pelos conhecimentos adquiridos, mas por ter uma nova visão de mundo. E cada transformação sofrida tem um pouco dos ensinamentos de cada um. De modo especial meus arguidores: Ivan Lima gomes que aceitou colaborar para enriquecer meu trabalho, e Edson Arantes Júnior que sempre esteve pronto para me socorrer tanto na vida acadêmica como de modo particular.

Agradeço a todos os meus colegas: os que perseveraram, os que desistiram, posso afirmar que aprendi muito com cada um deles. Sei que cada um vai deixar uma lembrança especial, ousou até dizer que ficaram amizades bastante especiais.

À minha amiga Solange Pereira Dias, o meu agradecimento mais que especial pela cumplicidade, pelo companheirismo e por tudo que vivenciamos e aprendemos juntas.

À toda a minha família, que foi grande incentivadora nesse meu novo recomeço, pelo apoio e cuidado que cada um deles dispensou a mim.

Agradeço de modo especial as minhas irmãs, não podendo deixar de citar minha irmã Luzia Ribeiro da Silva, que de certa forma me obrigou a esse recomeço, amparando e ajudando nos momentos mais difíceis da minha vida.

À Kamilla de Oliveira e Silva, que foi a razão da minha vontade de recomeçar, por ter me ensinado a “decifrar” os textos no começo, e também por ter despertado em mim a necessidade de aprender sozinha.

Agradeço a cada um dos funcionários da unidade que convivi nesses quatro anos. Não esquecendo ainda do meu amigo Claudinei Monteiro.

Mas, acima de tudo, agradeço a Deus que possibilitou ter motivos para todos os agradecimentos anteriores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
1-O RACISMO CIENTÍFICO FUNDADO EM PRESSUPOSTOS EUROPEUS	15
1.1 O europeu forjando a identidade negra africana.....	15
1.2 O pensamento europeu refletindo na identidade dos intelectuais brasileiros.....	22
2- A MULHER NA HISTORIOGRAFIA	31
2.1 A mulher na Historiografia do século XX.....	31
2.2 Gênero; separando as diferenças da diferença.....	34
2.3 Mulher negra: corpo e representação social.....	42
3-A MULHER NEGRA NA REVISTA: ESTEREÓTIPOS DO PRESENTE E DO PASSADO	49
3.1 Revista, corpo e representação.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
PERIÓDICOS	82

APRESENTAÇÃO

O interesse em pesquisar este assunto surgiu quando ao deparar com os estudos de “Brasil Colônia” as leituras referentes ao negro despertava certa inquietação, conhecer um pouco como era a situação do escravizado levava à muitas indagações. E as respostas na maioria das vezes surpreendiam, e cada detalhe era mais surpreendente que o outro. Descobrir que a mulher negra tinha que deixar de amamentar seus filhos, que na verdade nem eram “seus”, ou, controlar as mamadas em função da amamentação dos filhos de sua senhora despertava o “querer conhecer” a vida dessa mulher, principalmente, ao se inteirar que a negra não era dona nem da sua sexualidade.

Deparando com uma reportagem na Revista *Caros Amigos*, a qual se mostrava bastante crítica sobre a mídia impressa, e cuja reportagem se intitulava: “Mídia: Pesquisa demonstra racismo nas revistas segmentadas” (Oliveira,10/2011, p.38) a Revista *Veja*, editada e distribuída pela Editora Abril era uma dentre as quatro citadas. A escolha da *Veja* como fonte se deu em razão dela ter uma pluralidade de reportagens, que vai da economia a biologia. É claro que a facilidade de acesso a esse periódico também contribuiu para que ele se tornasse a fonte de estudo.

A partir daí começava a germinar a ideia do que ia ser a pesquisa. Ela envolvia analisar a representação da mulher negra contemporânea na *Veja*, ou melhor, como essa mulher ainda é representada nos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, podia conciliar isso com um tema bem atualizado que era o citado racismo na revista.

Esta é uma revista que se apresenta com uma promessa de oferecer ao leitor uma grande variedades de assuntos, com uma abordagem dos fatos dentro de uma análise múltipla e atual. A mídia, além de difundir informações e expor os acontecimentos mais imediatos ela pode ser também difusora de normas, valores e comportamentos e, sobretudo, um privilegiado espaço de construção de representações. Em razão disso, é que a revista foi escolhida. A revista em questão é ainda um veículo publicitário importante na imprensa nacional.

Na impossibilidade de analisar todas as revistas, optou-se por um recorte temporal, de três períodos emblemáticos 1988, por ser o centenário da abolição; 2003 por ser o ano da promulgação da Lei 10.639/2003, que obriga o ensino de história da África e Cultura Afro-

Brasileira em todos os níveis de ensino e 2012 o ano do debate sobre a Lei de cotas raciais no Congresso Nacional. A justificativa para a escolha dos anos citados ávido na criação de leis que buscam combater o preconceito e a discriminação racial com vistas a diminuir as diferenças sociais. No ano de 1988, além de comemorar “O Centenário” da abolição, é o ano que instituiu o racismo como crime inafiançável.

Quinze anos se passaram e para o negro, pouco, ou quase nada mudara, visto que, a discriminação racial continuava alimentando a desigualdade social e cultural. Se com a Constituição Cidadã a situação do negro permanecia quase inalterada, no ano de 2003 diante de reivindicações de grupos de movimentos sociais negros, o governo cria novas leis. Agora a Lei 10.639/03¹. Esta lei visava segundo Carlos Moore Wedderburn (2005) não só a obrigatoriedade do ensino do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, mas principalmente confrontar o docente brasileiro com a obrigação de apresentar e disseminar a “verdadeira África” para o conjunto da população. Isso abarcava apresentar as pluralidades e singularidades do Continente Africano, bem como, apontar que o europeu, no intuito de dominar, disseminou inverdades sobre o africano que acabaram por se tornarem crenças. Enfatizar que a África que é tão destacada pela miséria é resultado das tragédias do tráfico negreiro e da cobiça do colonizador.

Em 2012 a implantação da lei de cotas, pela Lei nº 12.711/12², foi pensada no sentido de dar oportunidades para os menos favorecidos, alunos que não tiveram acesso às mesmas oportunidades de um ensino de qualidade, e isso inclui principalmente o negro, visto que, é minoria no ensino superior. Logo pensando nessas leis de inclusão do negro na sociedade, esses anos foram pensados no sentido de perceber se a revista se envolveu nesses debates em torno das questões raciais nesses três períodos.

¹ "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

² O decreto que regulamenta a Lei nº 12.711/2012, a Lei de Cotas, foi assinado pela presidenta Dilma Rousseff. Segundo o texto, as universidades públicas federais e os institutos técnicos federais devem reservar, no mínimo, 50% das vagas para estudantes que tenham cursado todo o ensino médio em escolas da rede pública, com distribuição proporcional das vagas entre negros, pardos e indígenas. <http://vestibular.brasile scola.com/noticias/decreto-que-regulamenta-lei-cotas-publicado/320326.html>

Para apresentar os resultados deste trabalho ele foi dividido em três capítulos, os quais foram pensados da seguinte forma: Capítulo I, “O Racismo Científico fundado na pretensa superioridade europeia”; Capítulo II, “A mulher na historiografia; e Capítulo III, “A mulher negra na revista: estereótipos do presente e do passado”.

O primeiro capítulo, para melhor desenvolver a reflexão se dividiu em dois tópicos: 1.1 “O europeu forjando a identidade negra africana”, e 1.2 “O pensamento europeu refletindo nos discursos dos intelectuais brasileiros”. No primeiro tópico, o destaque é para as discussões que envolvem as teorias raciais. Na busca por elementos que levem a compreender o racismo na sociedade atual, fez-se necessário discutir primeiramente a forma como o europeu no intuito de conquistar apresentou esse Continente para o mundo. Como afirma Leila Leite Hernandez (2005) essa “África inventada”.

O que se pretendeu com esse recorte foi tentar perceber como as teorias raciais europeias e brasileiras ainda ecoam no pensamento da sociedade Brasileira até o presente. Porque se por um lado, a biologia desconstruiu a ideia de raças humanas, as ciências humanas ainda parecem não ter conseguido fazer desaparecer essa perspectiva da hierarquia das raças, pois numa sociedade racista como a brasileira, não é incomum ver nos discursos, na iconografia a reprodução dos discursos racialistas que ainda refletem as crenças raciais do século XIX.

Nesse objetivo foram estudadas as teorias de *Charles Linné* e sua classificação do *Homo sapiens* que acabou dando grande contribuição ao classificar o homem como espécie, pois estabelecia que o ser humano de cada continente já nascia com suas características próprias. Já para Hegel, a constituição geográfica dessa África selvagem, só poderia produzir seres selvagens despidos de qualquer sentimento de humanidade. Ao destacar Kant, O professor Walter Praxedes mostra que o mesmo colaborou no sentido de apresentar o africano como um ser totalmente despido de inteligência e capacidade, e ressalta sua inferioridade em relação ao homem branco. Na filosofia do Conde Arthur de Gobineau, este aponta, que o branco originalmente possuía o monopólio da beleza. Na leitura desse primeiro tópico é possível reconhecer nas antigas teorias raciais, a origem da suposta superioridade e inferioridade, ou ainda, os conceitos de beleza, inteligência, moral associados a cor (raça) da pele. As representações construídas na sociedade ainda são influenciada por essas crenças.

O segundo tópico “O pensamento europeu refletindo nos discursos dos intelectuais brasileiros”, Kabengele Munanga (2008), Lilia Moritz Schwarcz (1993) e Nilma Lino Gomes

(2005) discutem a forma como na metade do século XIX, os intelectuais brasileiros no intuito de definir o que seria a nação brasileira lançam mão das supostas verdades científicas no tocante às teorias raciais trazidas da Europa.

Essa forma de pensar o Brasil está ligada à manutenção de um modelo conservador e hierarquizado, bem como, à pluralidade de raças existentes, principalmente, por que a nação passava pelo processo de libertação do negro do cativo. De acordo com Schwarcz (1993) uma das teorias que mais influenciaram os estudiosos brasileiros, foi a de Cesare Lombroso, o qual afirmava em seus estudos que, devido ao formato do crânio, o negro já nascia propenso ao crime. Raimundo Nina Rodrigues, médico legista e psiquiatra foi bastante influenciado pelas teorias de Lombroso, bem como, por outras teorias europeias. Para Nina Rodrigues o negro era tão inferior que deveria criar um código penal exclusivo para ele, pois este não estava apto para alcançar o mesmo entendimento que o branco.

Por sua vez, Silvio Romero afirmava “todo brasileiro é um mestiço, quando não é no sangue, o é nas ideias” (Romero, 1975, *apud*, Munanga, 2008). No que se refere a este autor, tanto Munanga (2008), quanto Schwarcz (1993) afirmam que este era apenas mais um seguidor do determinismo racial, pois acreditava na seleção do mais forte, com os brancos prevalecendo sobre os negros.

Estas teorias, tão discutidas e difundidas, de acordo com Joseli Maria Nunes Mendonça (2006), foram bastante utilizadas pelos parlamentares nos debates sobre a libertação do escravizado. A autora afirma que dentre as justificativas para não libertar o cativo, era o despreparo do negro para o trabalho livre e sua incapacidade de aprender, bem como seu espírito selvagem e sem moral para viver entre os brancos.

Essa crença não atingiu somente o congresso, mas as teorias que influenciaram os parlamentares afetaram também a crença do brasileiro sobre as supostas diferenças morais, intelectuais e psicológicas que distinguem negros e brancos. Debruçou-se sobre os teóricos citados em razão de se perceber que a sociedade ainda não se livrou daquelas verdades inventadas para justificar a opressão do negro no cativo ou fora dele.

O segundo capítulo, “A Mulher na Historiografia”, foi dividido em três tópicos: 2.1 “Gênero: a mulher na historiografia do século XX”; 2.2 “Gênero: separando as diferenças da diferença”; 2.3 “Mulher negra: corpo e representação social”.

No primeiro tópico “Gênero: a mulher na historiografia do século XX, Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007) destacam a demora da inserção da mulher no campo historiográfico, apontando ao mesmo tempo que isto está relacionado à forma como era escrita a história. Se era uma história ligada aos reis, ou às histórias dos grandes heróis, não havia interesse em escrever uma história falando do cotidiano das mulheres. Mostram que só após o surgimento do grupo dos *Annales* que começa haver uma mudança na forma de fazer história, pois a partir daí começou a pensar numa história “problema”.

Soihet (1997) destaca que o marxismo levou à percepção das desigualdades, mas também não inseriu as mulheres na historiografia, visto que estavam preocupados com a história do econômico, e sendo a mulher considerada um ser improdutivo, não havia razão para incluí-la. Ressalta que foi o movimento feminista que colaborou para a emergência de uma história própria das mulheres.

Mas é no segundo tópico “Gênero: separando as diferenças da diferença” que as autoras: Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007); Soihet (1997); Linda Nicholson (2000); e principalmente Joan Scott (1992, 2000), entre outras, vão fazer uma discussão sobre gênero buscando explicar o motivo dessa ausência da mulher no campo historiográfico.

De acordo com Rosa Maria Godoy Silveira (s/d) na maioria das vezes essas diferenças foram amparadas nas diferenças sexuais, quando começaram a fazer uma separação “serviço de homem/ serviço de mulher”, logo associando masculino/cultura e feminino/natureza.

Scott (1992) e Nicholson (2000), criticam essa forma de interpretar gênero, segundo elas, quando se amparam no biológico as diferenças se naturalizam e o sexo prevalece nessa relação. Para Scott é através dos estudos de vários fatores que envolvem homem, mulher, classe social, etnia, valores, comportamentos, relações de poder que se tornam possível interpretar as multiplicidades de experiências.

Já no terceiro e último tópico deste capítulo “Mulher negra: corpo e representação social”, o autor utilizado para falar dessa mulher foi Gilberto Freire (2000). Com base na sua clássica obra, *Casa-grande e Senzala*, e na visão romanceada do autor, nota-se que o corpo estava presente sempre que Freire discorria sobre a relação entre senhor e escravizada. Apresentando que ao mesmo tempo que Freire tentava enaltecer esses laços, ficava bastante claro o lugar, ao qual lugar cada um pertencia, deixando com isso permeado nas entrelinhas o racismo internalizado do autor.

Ao fazer essa reflexão de gênero na historiografia, se fez pensando que, se a mulher enfrenta barreiras numa cultura machocêntrica, a mulher negra enfrenta um problema duplo, o machismo e o racismo. Talvez por isso ainda se perpetuem os estereótipos racialistas sobre a mulher negra no Brasil.

O terceiro capítulo, “A mulher negra na revista: estereótipos do passado e do presente” foi dividido em um subtítulo apenas, 3.1 “Revista, corpo e representação”. A ideia a princípio era verificar apenas a exposição da mulher negra na revista, ou então, fazer uma análise das capas, mas isto tornou impossível, visto que, nestes três anos analisados, a mulher negra não foi capa em nenhuma revista. Mas, na edição 1027 de 11 de maio de 1988, no “Centenário da Abolição” a capa foi dedicada aos negros, esta sim, entre os mais de trinta negros que faziam parte da capa, nota-se a presença de algumas mulheres negras, dentre elas a atriz Zezé Mota. Entretanto, ao verificar os exemplares, notou-se que era necessário avaliar outros aspectos, tais como, publicidades, reportagens, ou apenas pequenos recortes que apresentassem essa mulher de cor. A metodologia utilizada é a semiótica. No intuito de fazer uma análise crítica das imagens, dos textos que acompanham as ilustrações, e até as frases soltas que compõem as imagens. Foram consideradas mulheres negras, aquelas que apresentassem características fenotípicas do negro, tais como, cor de pele, cabelos, ou ainda aquelas que se identificam como sendo pardas, mulatas. E também aquelas que se autodenominam negras, como a atriz Camila Pitanga.

Na análise das fontes foram “folheadas” ao todo mais de duzentas revistas, muitas careceram apenas um correr de olhos, em razão da ausência da mulher negra. No ano de 1988, primeiro recorte escolhido, foram folheadas quarenta e oito revistas, praticamente todas publicadas nesse ano, salvo alguma que não foi possível consultar. Em todas estas, quarenta e seis imagens de mulheres negras, ou seja, menos de uma figura por revista. Algumas eram apenas uma negra em espaços quase imperceptíveis, vale lembrar que nesse ano a cantora Tracy Chapman fazia muito sucesso, e o número de atletas negras devido às Olimpíadas de Seul, fez a diferença nesses números.

Em 2003 foram analisadas cinquenta e cinco revistas, sendo que nestas a mulher negra apareceu setenta e sete vezes. Já no ano de 2012, nos cinquenta exemplares analisados, somaram oitenta e quatro imagens. Dentre as imagens de todas as revistas, apenas quinze foram analisadas. Pois foram as únicas que possibilitaram alguma reflexão. Pode se dizer que estas

revistas foram apenas meramente folheadas, a maioria das imagens que aparecia a mulher negra, muitas eram insignificantes, era apenas mais uma multidão podendo passar quase que despercebida. Pode-se destacar por exemplo uma imagem de umas vinte pessoas descendo em uma escada rolante, destas apenas a última é uma mulher negra. E para identificá-la foi preciso aproximar a imagem, pois era impossível identificar se era homem ou mulher.

Foi feita ainda uma análise mais detalhada no ano de 1988, onde três revistas foram analisadas. Uma destas a mulher branca é imagem de capa. Estes três exemplares somam umas quatrocentas figuras, em noventa e quatro destas, a mulher branca aparece pode não ser a figura central, mas faz parte da imagem. Em apenas dezenove figuras a mulher negra aparece. É preciso destacar que entre estas, presente nesses números, está a revista que aborda o “Centenário da Abolição”, que será agora apresentado os dados isoladamente: Capa composta por várias figuras negras. No que se refere as figuras, um total de cento e quarenta e cinco imagens (145), sendo vinte (20) de mulheres brancas, nove (09) de mulheres negras e vinte (20) figuras de homens negros. O restante das figuras estão distribuídas entre publicidades e homens brancos.

A revista foi escolhida por ser um expoente da sociedade, nesse sentido, talvez ela não crie imagens estereotipadas, com a finalidade de alimentar ou criar o racismo, ela apenas como veículo de comunicação reproduz, muitas vezes o preconceito da sociedade. Assim, ela ajuda a reforçar e manter visões distorcidas sobre a realidade racial. Tendo em vista que, ao veicular publicidades que reforçam preconceitos, ao publicar artigos ou simplesmente divulgar imagens, dependendo de como isto é feito, explica a posição da revista quanto ao assunto. Se por um lado ela não cria o preconceito racial, não inventa a subalternização da mulher negra, por outro ela nada faz para desconstruir os preconceitos contra a mulher negra, pois continua veiculando imagens que ora relacionam a negra como objeto sexual, ora como “eterna” serva. É por isso que se estudou as teorias raciais do século XIX pois, ao olhar para essas teorias e para a revista, vê-se que aquelas ideias ainda não foram de todo superadas.

CAPÍTULO I

O RACISMO CIENTÍFICO FUNDADO NA PRETENZA SUPERIORIDADE EUROPEIA

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar (Nelson Mandela).

1.1 O europeu forjando a identidade negra africana

A finalidade deste trabalho é realizar um estudo a respeito da exposição da mulher negra no periódico semanal da Editora Abril. Por isso, a Revista *Veja*, fonte desta pesquisa, será analisada a fim de identificar se a mesma reproduz preconceitos, estereótipos que em seu nascedouro, estão reproduzidos nas doutrinas raciais do século XVIII.

E é na busca por elementos que levem a compreender a presença do racismo na sociedade atual faz-se que buscar-se-á discutir o “racismo científico” presentes nas teorias de vários intelectuais brasileiros. Algumas são justificadas na classificação de outra espécie, outras, amparadas pelo contexto em que tais teorias chegaram ao Brasil.

Nesse sentido é que a Revista *Veja* será analisada, pois parte-se da hipótese que a exposição da mulher negra neste periódico pode ainda reforçar preconceitos raciais pela forma que ela apresenta a imagem dessa mulher.

Ao se debruçar sobre a questão de gênero no Brasil, sobretudo no que tange à mulher negra em nossa sociedade, depara-se com estereótipos, adjetivações, ou ainda uma exposição estigmatizada desse segmento nos veículos midiáticos.

Isto ocorre certamente em virtude das teorias raciais, fundadas supostamente em pressupostos científicos na Europa. Todavia o pensamento racial elaborado no Brasil em fins do século XIX e início do século XX é sem dúvida, como se verá adiante, reflexos das ideias vindas da Europa. E que ainda hoje encontram-se diluídas e difundidas na sociedade.

Na busca por elementos que levem a compreender a presença do racismo na sociedade atual, recorre-se às teorias raciais para entender seus reflexos em várias esferas da sociedade,

incluindo veículos de comunicação, literatura e instituições de ensino, entre outros espaços. Para tanto, é necessário entender o processo da construção das teorias racialistas, as quais afetam negativamente a visão da sociedade branca em relação aos negros e mestiços.

É notório afirmar que na história da civilização ocidental, o europeu no intuito de conquistar, construiu uma nova consciência de mundo, e revestido de seu complexo de superioridade, criou e desenvolveu supostas verdades que acabaram por se transformar em crenças. Assim com objetivo de dominar, o homem branco criou mitos, disseminando para o mundo a ideia de povos superiores e povos inferiores, apresentando sua nobre missão de colonizar e domesticar os povos, mostrando estes, como seres incapazes e “sem história”. Para Nilma Lino Gomes, existe a forma institucional do racismo, que,

[...] implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado, ou com seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. [...] Quanto na ausência da história positiva do negro no Brasil (Gomes, 2008, p 53).

Leila Leite Hernandez destaca que o europeu cria seu discurso ideológico e começa a sua integração com imagens e ganha um amparo teórico com a utilização dos sistemas classificatórios, tendo como base a classificação que *Charles Linné* fez em seu livro *Systema Naturae*. Nele o *Homo sapiens* foi classificado em 1778 da seguinte forma:

[...] classificado em cinco variedades, cujas principais delas são sumariadas em seguida:

- a) Homem selvagem. Quadrúpede, mudo, peludo.
- b) Americano. Cor de cobre, colérico, ereto. Cabelo negro, liso, espesso; narinas largas; semblante rude; barba rala; obstinado, alegre, livre. Pinta-se com finas linhas vermelhas. Guia-se por costumes.
- c) Europeu. Claro, sanguíneo, musculoso; cabelo louro, castanho, ondulado; olhos azuis; delicado, perspicaz, inventivo. Coberto por vestes justas. Governado por leis.
- d) Asiático. Escuro, melancólico, rígido; cabelos negros; olhos escuros, severo, orgulhoso, cobiçoso. Coberto por vestimentas soltas.
- c) Africano. Negro, fleumático, relaxado. Cabelos negros, crespos; pele acetinada; nariz achatado, lábios túmidos; engenhoso, indolente, negligente. Unta-se com gordura. Governado pelo capricho (Linné, 1778, *apud*, Hernandez, 2005, P. 19).

Nota-se que, ao classificar o ser humano em espécies, Charles Linné deu uma grande contribuição para cristalizar a ideia da existência de seres humanos superiores e inferiores. Pois, ao enumerar isoladamente as características dos povos de cada continente, Linné estava criando uma convicção de que seus atributos, principalmente os físicos, diferenciavam os povos. Em razão disso, as características humanas passam a serem julgadas a partir das características físicas, em especial a cor. Assim, elementos como caráter, capacidade intelectual e moral passam a ser caracterizado pela raça.

De acordo com Nilma Lino Gomes, por mais que o termo “raça” seja considerado nos estudos científicos como contribuições e avanços, no que se refere às relações envolvendo grupos de brancos e negros, ela afirma que “raça, ainda é o termo que consegue dar a dimensão mais próxima da verdadeira discriminação contra os negros, ou melhor, do que é o racismo que afeta as pessoas negras da nossa sociedade” (Gomes, 2008, p. 45).

Para Hernandez, “O conjunto de escrituras, sobre a África” apresentam ideias equivocadas sobre o Continente Africano pois, devido à falta de conhecimento apresentam pré-noções e preconceitos, mostrando para o mundo uma “África inventada”. E, sendo uma África idealizada,

Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo africano ganhou um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo (Hernandez, 2005, p. 18).

Friederich Hegel, também deu sua contribuição acerca de como o negro é visto como o diferente, ou ainda, aquele que não faz parte do grupo. É relevante apontar que o filósofo alemão colaborou pois, ao expressar as ideias e os interesses dos grandes grupos hegemônicos, apresentava a África como um lugar selvagem, habitada por seres primitivos, deixando claro que o espaço geográfico interferia diretamente na formação intelectual e moral do ser.

A África propriamente dita ficou fechada para o resto do mundo; é a terra do ouro, voltada para si mesma, a terra criança que fica além da luz autoconsciente, encoberta pelo manto negro da noite. Sua incomunicabilidade não decorre apenas de sua natureza tropical, mas também – e essencialmente – de sua constituição geográfica. [...] o que ficou conhecido acerca desses bandos foi o seu comportamento nessas guerras e ataques – a mais inescrupulosa desumanidade e a mais repugnante brutalidade (Hegel, 1999, p. 82 -83).

Hegel, ao apresentar essa África selvagem, sem nenhum tipo de “civilidade”, com seres despidos de qualquer humanidade, aponta ainda o africano como um ser infantil que não alcançou nenhum tipo de maturidade. Destaca também que para compreendê-lo, é preciso se despir de todo tipo de sentimento e tornar-se um ser destituído de todas as qualidades, as quais torna o homem “civilizado”. Mostrando que para conseguir qualquer tipo de convivência com o negro, o homem branco tem que se despir de toda a sua cultura, bem como tornar-se um ser sem moral, sem lei e sem religião, uma espécie puramente primitiva.

Nota-se que essas ideias racistas, onde aponta esse ser selvagem, destituído das qualidades morais, ou que não respeita às leis, está constantemente presente na sociedade brasileira. Percebe-se no cotidiano, as observações que são feitas, quando determinado assunto de destaque tem como personagens uma pessoa de cor negra. São sempre as mesmas piadas, onde o negro é sempre ridicularizado, ou, então é o primeiro a ser associado a qualquer fato que cobra um suspeito.

Segundo Munanga e Gomes são estas observações feitas no cotidiano, que deixa transparecer e acabam confirmando o preconceito racial que existe na sociedade. E acrescentam que estes, certamente são resultados das teorias raciais e da invenção racializada da África, que acabaram por influenciar a mente do povo brasileiro, pois segundo eles:

Ninguém nasce com preconceitos: eles são aprendidos socialmente, no convívio com outras pessoas. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e até na inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos (Munanga & Gomes, 2006, p. 82).

Segundo Gomes, “a questão do racismo é extremamente complexa”, e sua identificação exige todo um cuidado especial. Pode estar muitas vezes claramente explícitos, naquela

discriminação declarada de não aceitar nada que fuja daquelas características consideradas “monopolizadoras de beleza”, assim sendo, qualquer característica que destoe daquele padrão aceito, são menosprezadas e reprimidas até, e muitas vezes, com violência. Mas pode estar também presente no ato de ignorar, ou, na forma como esse ser é deixado a margem, e a sociedade segue achando que tudo está na normalidade. Gomes afirma ainda, “ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores” (Gomes, 2005, p. 52).

Hegel descreve o negro da seguinte forma:

A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, com leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. [...] O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimentos, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano (Hegel, 1999, p. 83-84).

Avaliando esse pensamento de Hegel, surge a indagação: essa mentalidade influenciou de alguma forma a sociedade brasileira no século XIX? Certamente que sim, conforme se verá abaixo, ou melhor, no próximo tópico.

Em seu artigo, “Eurocentrismo e racismo nos clássicos da filosofia e das ciências sociais”, o professor Walter Praxedes, destaca o racismo de Emmanuel Kant, que ao traçar um esboço realçando os traços dos caracteres das nações, apresenta um quadro realçando as características dos povos, apenas com a intenção de apontar como cada nação demonstra os sentimentos.

Na minha opinião, escreve Kant, entre os povos do nosso continente, os italianos e os franceses são aqueles que se distinguem pelo sentimento do belo; já os alemães, os ingleses e os espanhóis, pelo sentimento de sublime [...] O espanhol é sério, reservado e sincero [...] O francês possui um sentimento dominante para o belo moral. É cortês atencioso e amável [...] No início de qualquer relação o inglês é frio, mantendo-se indiferente a todo estranho. Possui pouca inclinação a pequenas delicadezas; todavia, tão logo é um amigo, se dispõe a grandes favores [...] O alemão no amor, tanto quanto nas outras

espécies de gosto, é assaz metódico, e, unindo o belo e o nobre, é suficientemente frio no sentimento de ambos para ocupar a mente com considerações acerca do decoro, do luxo ou daquilo que chama a atenção [...] (Kant, 1993, *apud*, Praxedes, p. 2).

Praxedes aponta que, após ter destacado as características dos povos dessas nações, apenas no intuito de “destacar o belo e o sublime”, Kant, ao voltar para a caracterização dos povos do Continente Africano, desperta atenção pela forma que destaca o negro.

Pelas suas observações, pode-se notar que para ele, não é a escravidão que tira do negro a chance de mostrar suas aptidões ou de realizar alguma conquista, pois, mesmo de posse de sua liberdade, é a sua incapacidade que não lhe permite que se destaque em qualquer área. Ao mesmo tempo em que destaca a inferioridade do negro, ele ressalta que o branco, em contrapartida, é dotado de inteligência. Chama a atenção a forma que é destacada a diferença de brancos e negros mostrando que, se na apresentação anterior era mostrado apenas o “esboço dos traços que exprimiam os sentimentos”, ao falar do povo africano, realça neste a inferiorização do homem negro, ressaltando principalmente, os aspectos de um ser desprovido de inteligência e capacidade. Kant mostra assim, uma visão carregada de racismo e racismo.

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que o negro tenha mostrado talentos, e afirma; dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um sequer que se apresentasse algo grandioso na arte, ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa de ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornando-se objetos de adoração e invocação nos encantamentos. Os negros são muitos vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas (Kant, 1993, *apud*, Praxedes, 2008, p. 2).

Como não notar estas, presente muitas vezes na negação da própria cultura, ou mesmo no sonho de branqueamento, é o que aponta Munanga (2008), mostrando que o negro ao desejar mudar o status da cor, ao se auto definir mulato, ou, até branco, nada mais é, que a constatação de que numa sociedade racializada, a cor branca, significa estar apto e até pertencer.

Munanga destaca ainda que nos ensaios sobre as desigualdades das raças, o conde Joseph Arthur de Gobineau destacava que as civilizações nascem e desaparecem, por haverem perdido sua essência na mistura dessas raças. Percebe-se que o complexo de superioridade destes povos levaram estes a acreditarem que o declínio das civilizações era resultado da mistura com o sangue desses “povos inferiores”. Nota-se também, que, apesar dessa repulsa que os ditos povos superiores sentiam em relação aos outros povos, pelas observações de Gobineau, as civilizações só se desenvolviam devido à capacidade dos povos mais fortes de se relacionarem com os povos mais fracos.

A filosofia de Gobineau era assim descrita por Munanga:

A raça branca possuía originalmente o monopólio da beleza, da inteligência e da força. Na sequência das uniões com as outras variedades nascem os mestiços belos sem ser fortes, forte sem ser inteligentes, inteligentes com muita feiura e debilidade. Os povos só degeneram devido às misturas que sofreram e de acordo com as proporções e as qualidades dessas misturas. É possível que as instituições criadas pela raça superior possam cair em decadência, porque o sangue que a criou foi dizimado pela guerra e adulterado pelo sangue de uma horda de estrangeiro (Gobineau, *apud*, Munanga, 2008,P. 43).

De acordo com essa filosofia entende-se que o homem branco nascia possuindo todos os atributos que o qualificava tanto fisicamente quanto intelectualmente, e que a raça branca, na sua origem, gerava um ser superior tanto em beleza quanto em outras qualidades, em detrimento à mistura com o sangue do negro, é que vai originando seres inferiores.

Avaliando o que o europeu teorizou sobre a África, o africano e o negro, é possível constatar ainda hoje a presença desses pensamentos racialistas. Podendo certamente afirmar que estes influenciaram os intelectuais brasileiros, que acabaram influenciando a sociedade brasileira. No decorrer desse capítulo, essa pesquisa mostrará como os intelectuais brasileiros receberam essas ideias vindas da Europa.

1.2 O pensamento europeu refletindo nos discursos dos intelectuais brasileiros

Avaliando a forma como os europeus pensaram a África, pode-se dizer que essa mentalidade certamente influenciou o pensamento dos intelectuais brasileiros, o que pode ser confirmado nas discussões que serão expostas a seguir.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz (1993), na primeira metade do século XIX o Brasil procurava romper de vez os laços que o ligavam à antiga metrópole. Para isso fazia-se necessário a criação de uma nova memória para a nação que despontava fundava-se então o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) instituição que surgia ligada aos grupos oligárquicos, e também à figura de um “monarca ilustrado e centralizador”. E foi a cargo desse estabelecimento, que ficou a responsabilidade de criar uma memória para a nação que estava despontando.

De acordo com Kabengele Munanga (2008), na criação de uma identidade nacional, a elite brasileira vai buscar no pensamento europeu a justificativa para o atraso da nova nação que formava.

Munanga sustenta a seguir que com o fim do regime escravocrata o Brasil se depara com um novo dilema: criar uma história nacional que inserisse o “novo cidadão” que havia sido libertado. Pois, na cabeça dessa gente, influenciada pelas doutrinas europeias o negro continuava sendo visto apenas como “coisa e força animal de trabalho”. Ao discutir como se pensou a criação dessa nova identidade, Munanga deixa claro que estes intelectuais estavam revestidos de ideias racistas quando parte da seguinte afirmação:

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca[...]. Todos salvo algumas exceções, tinham algo em comum: influenciados pelo determinismo biológico do fim do século XIX e início deste, eles acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra, e na degenerescência do mestiço (Munanga, 2008, p. 48-49)

Schwarcz (1993) afirma que ao mesmo tempo em que se propunham a construir essa nova nacionalidade, tentavam se desvencilhar das amarras que os prendiam à antiga metrópole.

No esboço desse novo empreendimento, esses embates tornam-se um campo fértil para os intelectuais, e é no interior desses embates que se dá a recuperação das teorias raciais, desse modo, sem se preocuparem em qual contexto essas teses foram criadas, trataram apenas de adequá-las como lhes convinham.

Segundo Albuquerque (2006), esses estudiosos utilizaram a miscigenação e criaram um ser degenerado e incapaz mentalmente, amparados nas teorias raciais. Doenças como epilepsia e alcoolismo e os casos de doença mental foram associadas e consideradas consequências da mistura desses seres diferentes

Dentre as ideias que influenciaram os brasileiros, uma que se destacou, segundo Schwarcz (2008), e esses estudiosos passaram a seguir de perto, foram os ensinamentos de Cesare Lombroso, que afirmava que existia uma relação entre o instinto sanguinário de um indivíduo e o formato do seu crânio. Portanto, desde a sua gestação o homem já tinha seu comportamento pré-determinado, de acordo com o formato do crânio, tamanho da mandíbula e conformação do cérebro, o indivíduo já nascia propenso ao crime. Resumindo, segundo Lombroso, a genética era um fator determinante.

Talvez interesse conhecer como consegui chegar as atuais conclusões que apresento. Em 1807 eu realizava umas investigações sobre cadáveres e seres humanos vivos nas prisões e asilos de anciãos na cidade de Pavia. Desejava fixar as diferenças entre loucos e delinqüentes,³ mas não estava conseguindo. Repentinamente, na manhã de um dia de dezembro, fui surpreendido por um crânio de um bandido que continha anomalias atávicas, entre as quais sobressaíam uma grande fosseta média e uma hipertrofia do cerebelo em sua região central. Essas anomalias são as que encontramos nos vertebrados inferiores. (Lombroso, 1906, 665, *apud*, Mendes, p. 03)

Ao ler Raimundo Nina Rodrigues, quando este refere-se ao mestiço no Brasil, percebe-se o quanto Lombroso o influenciou, bem como os outros intelectuais do fim do século XIX e início do século XX, Rodrigues, por exemplo, via no cruzamento das raças a origem de “subprodutos”, acreditando que o mestiço não era igual ao branco. Portanto, havia necessidade da criação de um sistema penal diferenciado, visto que, segundo ele, esse ser não tinha

³Todas as citações contidas nesse trabalho obedecem a grafia do texto original.

alcançado a mesma evolução que o branco e desse modo, não tinha o mesmo discernimento para com os seus atos.

Desconhecendo a grande lei biológica que considera a evolução ontogênica simples recapitulação abreviada da evolução phylogênica, o legislador brasileiro cercou a infância do indivíduo das garantias da impunidade por imaturidade mental, criando a seu benefício as regalias da raça, considerando iguais perante o código os descendentes do europeu civilizado, os filhos das tribos selvagens da América do Sul, bem como os membros das hordas africanas, sujeitos à escravidão. (Rodrigues, s/d, p.77).

Nina Rodrigues afirma claramente que o africano é inferior ao europeu. Para ele, a aparência do negro, ou seja, sua cor já o torna um homem menos evoluído, que não tinha beleza, intelecto e nem moral. E isso dispensava argumentação:

[...] Por seu desenvolvimento intelectual e por sua civilização, os negros africanos sejam inferiores à massa das populações européas, ninguém evidente-mente pode pôr em dúvida. Ninguém pode duvidar tão pouco de que anatomicamente esteja menos adiantado em evolução do que o branco. Os negros africanos são o que são: nem melhores nem piores que os brancos; simplesmente eles pertencem a uma outra phase do desenvolvimento intelectual e moral. Essas populações infantis não pu-deram chegar a uma outra fase do desenvolvimento intelectual e moral. Essas populações infantis não puderam chegar a uma mentalidade muito adiantada e para essa lentidão de evolução tem havido causas complexas. Entre essas causas, umas podem ser procuradas na or-ganização mesma das raças negrísticas, as outras podem sel-o na natureza do habitat onde essas estão confinadas. Entretanto, o que se pode garantir com experien-cia adquirida, é que pretender impor a um povo negro a civilização europeia é uma pura aberração. (Rodrigues, s/d, p. 120)

Nota-se, que outro grande intelectual brasileiro, Silvio Romero, mesmo tentando mostrar no cruzamento das raças, que o africano e o mestiço, colaboraram para o desenvolvimento da nação, deixa transparecer em suas especificações uma mentalidade bastante influenciada pelas doutrinas europeias, apontando-o como forte e selvagem, logo, com características próprias para o trabalho braçal. E mais, com a imigração dos povos brancos, a diferença entre as raças só

tende a aumentar, ou seja, o que faz as diferenças, é o contraste das cores, é a cor da pele. E destaca a prevalência do branco sobre o negro.

Percebe-se estas presentes em vários fragmentos quando descreve as raças formadoras da nação.

São gentes ainda no período do fetichismo, brutas, submissas e robustas, as mais próprias para os árduos serviços de nossa lavoura rudimentar. [...] O povo brasileiro não corresponde a uma raça determinada e única; É um povo que representa uma fusão; é um povo mestiçado; Não vem nada ao caso discutir si isto é um bem ou um mal; é um facto e basta; [...] O elemento branco tende em todo o caso a predominar com a internação e o desaparecimento progressivo do índio, com a extinção do tráfico dos africanos e com a imigração européa que promete continuar; Comparando o sul e o norte do paiz, nota-se já um certo desequilíbrio, que vai tendo consequências econômicas e políticas; ao passo que o norte há sido erroneamente afastado da imigração, vai esta superabundando no sul introduzindo os novos elementos – italiano e alemão – facto que vai cavando entre as duas regiões do paiz um vallo profundo, já de si preparado pela diferença dos climas (Romero, s/d , p. 90-92).

Pelas suas afirmações, deduz-se que para ele brancos e negros eram “diferentes” e para ele isso era um fato. Essa forma de pensar, atenta-se que ao rediscutir a mestiçagem no Brasil, mostrando na abordagem do cruzamento de indivíduos possuidores de características “diferentes”, claramente destacáveis como a cor da pele e o tipo de cabelo, o objetivo de Munanga (2008) é destacar que o racismo se mostra presente nas teorias desses intelectuais. É possível identificar este presente no pensamento de Silvio Romero, quando afirmava acreditar ser esta “apenas uma fase transitória”, ou ao falar da seleção natural, quando seu pensamento demonstra claramente a prevalência dos mais fortes e capazes sobre os seres inferiores. Romero acreditava que as raças no futuro iam se tornar uma unidade, tece também alguns elogios a respeito da contribuição do negro na produção de riquezas, quanto à sua contribuição em outras áreas, ele afirma o seguinte:

Não vi ainda uma composição qualquer poetica, nem me consta que no Brazil alguém tenha colhido da boca dos pretos da Costa as suas canções. [...] Pelo que toca à influência dos pretos no espírito e no caracter literário do povo brasileiro, ella ficará ainda por muito tempo tida no estado de contribuição anonyma. [...]. A música dos negros é monótona: seus instrumentos não passam de murimbáo, do mutungo (uma cuia com ponteiros de ferro), do

tambaque (espécie de tambor) e do pandeiro. A dança é uma serie de pulos e requebros e gatimanhos.[...] O negro influenciou em toda a nossa vida íntima e muitos dos nossos costumes nos foram por ele transmitidos. Não foi provavelmente isto um grande bem; Mas foi um facto irrecusável. (Romero, 1888, p. 94, 100, 102, 103, 108).

Diante das citações feitas anteriormente, pode-se indagar: o pensamento de Silvio Romero mostrava estar impregnado das doutrinas europeias, e hoje, a sociedade brasileira continua refletindo esses pensamentos?

Na busca por resposta à indagações como esta, as respostas vão surgindo até mesmo sob forma de outras perguntas, quem já ouviu falar em Solano Trindade “o maior poeta negro que o Brasil já conheceu”? E olha que quem se referia a ele dessa forma era o grande poeta e escritor Carlos Drumond de Andrade. Isto quem afirma é Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, e eles ainda acrescentam o seguinte:

Foi também ator, pintor, cineasta e um dos criadores do Teatro Experimental do Negro. [...] conquistou prêmios internacionais. [...] Premiado no exterior, elogiado por celebridades como Darcy Ribeiro, Sérgio Milliet e outros, o negro “e pobre” escritor recifense é muito pouco lembrado, apesar de tudo que fez pela leitura e artes no Brasil (Munanga & Gomes, p. 124-125).

Refletindo sobre esta figura, percebe-se, que mesmo tendo sido reconhecido internacionalmente, não conseguiu transpor as ”diferenças”, e passou despercebido no cenário brasileiro no decorrer da história. Citar Solano Trindade, foi uma forma de mostrar como este, assim como outros ilustres personagens que fizeram parte da História do Brasil, certamente por serem negros, e fazerem parte de uma sociedade influenciada pelas doutrinas racistas, caíram no esquecimento, ou melhor, muitos sequer ouviram falar neles.

No que se refere a Silvio Romero, Schwarcz afirma que, “apesar do “elogio à mestiçagem”, não se deve procurar encontrar nesse escritor nenhum defensor, que promovia a igualdade entre os seres humanos. Era mais um fiel seguidor do determinismo racial, no qual “se sustentava o modelo de seleção, a eleição de uma raça mais forte, sem que, no entanto, se incorresse nos supostos dessa postura que se preocupava em denunciar o caráter letal do cruzamento de raças distintas” (Schwarcz,1993, p. 154).

Munanga (2008) afirma que os intelectuais brasileiros foram influenciados, e acabaram influenciando a mente do povo brasileiro, isso pode ser visto na articulação do pensamento nacional, pois, ao pensar na consolidação de uma identidade comum entre as raças, quando os diferentes povos assimilariam o “modelo hegemônico racial e cultural branco”. Percebe-se ao observar a sociedade atual que isto ainda é um fato. Um país de imensa extensão geográfica, mesmo havendo algumas diferenças regionais, o que se apresenta é a cultura do homem branco.

Mas, Schwarcz, ainda parte da análise, que os estudiosos do Brasil em meados do século XIX, não possuíam nenhum interesse para contestar nenhuma ideia que viesse da Europa, assim, ela esclarece, que se espelharam sem nenhuma criticidade em teorias que foram feitas em outro contexto, e buscaram apenas adaptá-las a fim de justificar a grande diferença existente na sociedade, assim, o que era apenas teorias, e algumas até já contestadas, se transformam em argumentos na justificativa do grande abismo social que se tornara a nação.

Lilia Maritz Schwarcz afirma que:

Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento”, obliterando-se a ideia de que a humanidade era uma. Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos e decorrências inusitados e paralelos, transformando modelo de difícil aceitação local em teorias de sucesso (Schwarcz, 1993, P. 18).

O que fica claro na ênfase de Schwarcz não é a recuperação de tais teorias mas as releituras desse contexto, os motivos, o porquê da utilização dessas e não de outras teorias.

Munanga (2008) aponta que, apresentando o mestiço como um problema, era certamente uma forma de desencorajar as relações inter-raciais, e mais, por trás desse discurso de repúdio ou de tolerância, o que se apresentava era uma segregação velada, ou melhor, não institucionalizada. Nota-se ainda que, assim como os parlamentares no intuito de retardar a libertação, utilizaram as teorias raciais, amparando-se no despreparo do escravizado para enfrentar a liberdade, essas mesmas teorias foram usadas para manter o negro à margem, e com isso, continuar mantendo as diferenças.

Jordeli Maria Nunes Mendonça em sua obra “Entre a mão e os anéis: A Lei dos Sexagenários e o caminho da abolição no Brasil” mostra a discussão dos parlamentares no que se refere à abolição do escravizado. O importante dessa discussão é perceber a forma como os políticos se mostram influenciados pelas teorias racialistas. Pelos discursos, percebe-se que doutrinas raciais chegaram não só no campo intelectual, mas também no campo político. Estas podem ser notadas nos discursos de parlamentares ao debater as vantagens e desvantagens da libertação. Segundo Mendonça ao tentar apontar as desvantagens da libertação, o deputado Mac Dowell utilizava o seguinte argumento:

Podeis por em contribuição toda a ciência, e não achareis nenhuma para fazer de escravos boçais ignorantes, homens livres. [...]: Por que sorte de instrução, por que método quereis fazer com que esses escravos esclareçam o entendimento, moralizem seus costumes, tenham uma educação que os habilite a ter capacidade civil, a poder gozar da liberdade, a ser chefe de família, a entrar na sociedade sem ser cada um deles um homem detrimetoso, sem transformarem-se em veneno que vai infeccionar a atmosfera (Dowell, 1885, *apud*, Mendonça, 2008, p. 48).

Esse discurso de inferiorização, desde há séculos era notadamente presente quando o assunto se referia aos negros. Primeiramente, foi usado para escravizar, depois, para retardar a libertação do escravizado. E hoje na forma estereotipada como é visto o negro.

Mendonça continua a exposição desses debates, mostrando que, no intuito de retardar a abolição, mesmo os discursos que se apresentam em favor desse processo, acha carregados de subterfúgios onde, disfarçados de uma falsa preocupação, vão enumerando razões carregadas de ideias racialistas, onde os negros são desprovidos de capacidade intelectual, psicológica e moral. Desse modo incapacitado para viver a liberdade. Ela destaca que o deputado Almeida Nogueira deixava claro seu pensamento ao usar o seguinte apelo: “Qual seria a ocupação dessa gente refratária ao trabalho e ávida de ociosidade?” Sem esperar resposta, resolutamente concluía: “Infestaria, com o latrocínio à mão armada, a vastidão enorme e mal policiada do nosso país” (Nogueira, 1885, *apud*, Mendonça, 2008, p. 48).

Entende-se que a forma como o negro era descrito, ou mesmo, qual papel ele desempenharia na sociedade, não diferia do modo como o europeu, ou, os intelectuais brasileiros descreviam o negro.

De acordo com Albuquerque a Abolição do negro não garantia a sua libertação, pois esse processo não aconteceu visando a emancipação do negro, era mais um subterfúgio a fim de manter a dominação, se ampararam nas mesmas teses raciais:

Mesmo porque o que se via eram tentativas cada vez mais incisivas de adaptar à sociedade pós-abolição as hierarquias raciais montadas durante a escravidão. Pensar o mundo republicano e sem escravidão não queria dizer pensar uma sociedade de oportunidades iguais; muito pelo contrário, a preocupação estava em garantir que brancos e negros continuassem sendo não só diferentes, mas desiguais (Albuquerque, 2006, p. 205).

J. D. Fage ao fazer uma discussão sobre a evolução da historiografia da África ele aponta que Hegel mesmo tendo tido pouca influência na elaboração de uma história sobre o Continente Africano, seu pensamento foi aceito sem contestação. Ele afirma que ainda hoje sua visão racializada sobre a África ainda possui adeptos. Na visão de muitos, o Continente Africano continua sendo um lugar de trevas, habitado por povos “selvagens e sem cultura”. De um professor de História moderna da Universidade de Oxford ouviu a seguinte declaração: “Pode ser que, no futuro haja uma história da África para ser ensinada. No presente porém ela não existe, o que existe é a história dos europeus na África”(Fage, s/d, p.49).

Diante dessa afirmação, pode se notar que, no Brasil, estas ideias ainda continuam arraigadas. O que se considera, ao olhar como as teorias raciais foram propagadas no Brasil, os discursos proferidos sobre o negro em África, valia para ele em qualquer lugar. E, infelizmente a influência dessas afirmações não se encerrou com a abolição. É por isso que se recorreu a essas afirmações para analisar a fonte e o objeto desta pesquisa, pois entende-se que tais crenças, embora já sofram bastante críticas, ainda permeia o imaginário nacional, incluindo aí meios de comunicação, os quais não estão isentos de influências racialistas.

Segundo gomes (2005), ainda hoje a sociedade classifica o homem, não apenas através de seus aspectos culturais, mas, principalmente, através de suas características físicas, e, de sua cor. Ela aponta que é notadamente presente certas posturas e opiniões ao se referir ao negro, tais como, “bons ou ruins”, “competentes ou incompetentes”, ou mesmo “emotivos”. Ela mostra com isso, que a velha forma de classificar, para em seguida hierarquizar certamente se faz presente e se afirma ao associá-los à estética corporal.

Considerando a forma como o europeu mostrou o Continente Africano. Basta notar que o negro ao se tornar “cidadão” passa despercebido na história, ou, na forma estereotipada como é vista a mulher negra na revista, pesquisa esta, que será abordada nos próximos capítulos.

CAPÍTULO II

A MULHER NA HISTORIOGRAFIA

2.1 Gênero: a mulher na historiografia do século XX

Se “a História é a ciência dos homens no tempo” (Marc Bloch), certamente as mulheres deveriam estar incluídas. E é pensando nisto, que esta pesquisa vai através de alguns pensamentos instigantes buscar respostas procurando na invisibilidade acompanhar a introdução da mulher na historiografia.

Nos trabalhos que tratam de temas referentes às mulheres, é comum a ênfase sobre a ausência destas no campo historiográfico. Afirmando também que esta invisibilidade está ligada ao caráter universal como os historiadores narravam a História, pois acreditavam que ao referirem ao homem, as mulheres estariam automaticamente inseridas.

Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007) afirmam que a demora na inserção da mulher na historiografia está relacionado ao modo como a História foi relatada. Pois, no século XIX e até meados do XX, a história privilegiava as fontes “administrativas, políticas e militares”, as quais, as mulheres salvo algumas exceções, raramente apareciam. Portanto, o que era relevante a esta, era a história dos governantes e batalhas, com destaque para seus feitos e construção de seus heróis. Sendo esta narrativa que interessava, qual interesse em narrar uma história das mulheres do sertão nordestino, por exemplo que, segundo Miridan Knox Falci se apresentava da seguinte forma:

As mulheres de classe mais abastadas não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prezadas domésticas” – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da prole (Falci, 1997, p. 249).

Já na região sul a autora Joana Maria Pedro (1997), embasada nos relatos dos viajantes descreve uma figura bem mais participativa, apontando mulheres que ficavam à frente dos empreendimentos enquanto seus maridos ficavam ausentes, cuidando de proverem sozinhas seu sustento. Mas nem por isso esta mulher aparece na historiografia nem como co-responsáveis pelo progresso da região, pois, como afirma Pedro “a historiografia catarinense costuma interpretar o crescimento econômico industrial da região do vale do Itajaí como fruto do “esforço empreendedor dos empresários” (Pedro, 1997, p. 288). Essa afirmação reforça a presença da mulher como complementaridade do homem. Esta era a história positivista, que interessava apenas pelas “fontes administrativas, diplomáticas e militares, nas quais as mulheres pouco apareciam” (Soihet; Pedro, 2007, p. 284).

A partir da década de 1920, com o surgimento do grupo dos *Annales*, Soihet e Pedro apontam que começa a surgir uma nova forma de fazer a história. Marc Bloc e Lucien Febvre, diferentemente da história positivista propunham uma abordagem que se posicionava contra a forma tradicional de fazer história. Surgia então uma história direcionada para a história das ciências sociais e a partir de uma história “problema”, quando começou a pensar o cotidiano, inaugurava-se a possibilidade das mulheres serem inseridas na escrita da história. Elas mostram que “à medida que a tradição historiográfica propunha ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns, ela contribuiu para que as mulheres posteriormente fossem incorporadas à historiografia” (Soihet; Pedro, 2007, p. 282

Para Soihet (1993) o marxismo foi outro movimento que impulsionou e levou à percepção das desigualdades entre homens e mulheres, mas, ao mesmo tempo, não representou grandes mudanças, visto que este segmento estava voltado para o elemento ligado à produção, assim, considerando a mulher como ser improdutivo, o homem era o foco central de seus estudos. Por fim, o marxismo avaliava que esta diferença estava diretamente ligada às classes, assim, a resposta estaria numa sociedade sem classes.

Com o desdobramento do movimento dos *Annales*, novos campos como a história cultural e história das mentalidades começam a propiciar condições das mulheres serem incorporadas no campo histórico, com a chance de evoluir da condição de complementaridade a sujeito histórico.

Soihet (1997) afirma que o surgimento do movimento feminista colaborou ainda mais para a emergência de uma história das mulheres, pois, com o desencadeamento dessa onda, as

mulheres reivindicavam uma história própria e já não aceitavam mais serem simplesmente “acomodadas” no ser humano universal. Alegavam que não eram apenas complementaridades, eram mulheres cuja função ia bem mais além que apenas dona de casa e mãe.

Para Joan Scott, foi essa política feminista, com suas reivindicações, ao reclamar uma história que mostrasse que as mulheres não eram seres inertes no espaço, cobrando serem reconhecidas pela sua participação, como pessoas que influenciavam nas decisões da vida privada, e estendendo à vida pública, e que as mesmas eram oprimidas na sua condição de mulher, que deu o ponta pé inicial. Scott aponta isto quando faz a seguinte afirmação:

[...] a política feminista é o ponto de partida. Estes relatos situam a origem do campo na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova de atuação das mulheres, e também a opressão e inspiração para a ação (Scott, 1992, p. 64).

Mas a autora chama a atenção que existe algo que vai além da explosão do feminismo, pois, junto com esse movimento, existiam outros fatores que também estavam colaborando para o surgimento de um novo campo historiográfico. Essa nova fase estava relacionada à carência de profissionais; logo, “as mulheres constituem uma importante força latente para as faculdades e as universidades carentes de bons professores e pesquisadores” (Keeney, 1962, *apud*, Scott, 1992, p. 69). E mais as mulheres representavam uma mão de obra bem mais acessível.

Ainda de acordo com Scott, o feminismo surgia certamente estimulado pelas políticas de governo que procuravam estabelecer meios de qualificar as mulheres para atender a esse momento de expansão. Com isso, faculdades e programas de graduação começaram a incentivar as mulheres a se aperfeiçoar, por meio de incentivos e suporte financeiro ofertados. Ao começar a se qualificar e ser inseridas num ambiente onde antes era reduto masculino, perceberam que, mesmo capacitadas para exercerem as mesmas profissões que os homens, continuavam sendo excluídas. Por isso, “no espaço aberto pelo recrutamento de mulheres, o feminismo logo apareceu para reivindicar mais recursos para as mulheres e para denunciar a persistência da desigualdade” (Scott, 1992, p.49).

Os estudos apontam ainda que, ao chamarem a atenção para a figura da mulher, acabaram de certa forma por associar que as diferenças estavam relacionadas ao biológico,

dando ênfase à natureza da mulher, mostrando estas como uma espécie de coletivo. Enfim, acabaram por fazer uma espécie de catalogação, onde as diferenças acabavam sendo resultado de certas características relacionadas à mulher. Logo, se por um lado favoreceu a possibilidade de incentivar estudos referentes a este tema, por outro, criou-se a ideia de um ser feminino universal. Isto se torna bem claro quando Scott assegura: “Os historiadores sociais, por exemplo, supuseram as “mulheres” como uma categoria homogênea; eram pessoas biologicamente femininas que se moviam em contextos e papéis diferentes, mas cuja essência, enquanto mulher, não se alterava” (Scott, 1992, p. 277).

Mas pode-se destacar que certamente foi devido à reivindicação de uma história que incluísse as mulheres que as feministas despertaram a atenção para os estudos voltados para esse tema. Dessa forma, pode se afirmar que, se por um lado o movimento feminista não conseguiu resolver problemas de desigualdades entre homens e mulheres, por outro é notório o despertar para uma realidade que começou a relacionar as causas dessa exclusão.

2.2 Gênero: separando as “diferenças da diferença”

Quando se pensa no ser humano de modo geral e procura classificá-lo, rapidamente inúmeras possibilidades e combinações vão surgindo. Podendo começar certamente destacando o biológico, aquilo que está mais aparente, como por exemplo, a descrição do corpo físico, escolhendo masculino ou feminino pelas características que são visivelmente destacadas. Depois na sequência, a avaliação segue ainda obedecendo os mesmos princípios, que é descrevendo o corpo físico. Certamente serão apontadas cor da pele, tipo de cabelo e assim por diante.

Mas certamente uma das primeiras especificadas a ganhar destaque será o gênero, para denominar o “sexo”, só em seguida dar prosseguimento na enumeração das outras pontuações. Pensando nisso, e fazendo uso de certa criticidade, já apoiado nesse tema “gênero”, pode-se dizer que avaliar as características de um ser humano, nesse caso a mulher, vai além do biológico. Elas estão presentes em todas as camadas da sociedade, são de todas as raças, crenças e cores. São mulheres que lutam, que buscam e que sofrem, mas também conquistam. Pode-se

dizer que essa diversidade de mulheres, muitas serão aprisionadas por regras, condutas e comportamentos, e também serão cobradas por valores que muitas vezes escapam à sua compreensão.

É pensando dessa forma que se pode afirmar que discutir gênero é um tema bastante complexo, pois, a princípio entendia-se que essa palavra designava apenas macho ou fêmea. Mas que, a partir da década de 80 as historiadoras feministas vão dar outro significado.

Joan Scott, ao analisar a categoria gênero, parte da seguinte afirmação: “Os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história” (Scott, s/d, p.1).

Percebe-se que, Scott (1992) parte dessa afirmação no intuito de explicar a forma como, ao tentar dar um significado para um termo, tentando teorizar o gênero, seu sentido foi tomando novos significados, acompanhando as transformações que se dava na forma de ver a mulher. Chama à atenção o modo como, na tentativa de introdução das mulheres no campo historiográfico, a categoria gênero foi pensada.

Ao reivindicarem para si uma história, as feministas colaboraram no sentido em que deixaram de pensar a mulher como complementaridade do homem, mas por outro lado nascia uma história dual, masculino versus feminino, enquanto homem representava a cultura a mulher representava a natureza. É possível identificar esses valores quando Carla Bassanezi escreve sobre os Anos Dourados, conta que já nos anos de 1950, os papéis de homens e mulheres continuavam bem demarcados: ao homem cabia o papel de provedor, e o trabalho da mulher era apenas “subsidiário”. A fim de adequar a esses valores Bassanezi afirma:

A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. [...] Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação (Bassanezi, 1997, p. 608-609).

Rosa Maria Godoy Silveira (s/d), em seu estudo “Diversidade de gênero – Mulheres” aponta que as diferenças entre homens e mulheres, “quase” de modo geral, foram alicerçadas nas diferenças sexuais, começando pela divisão do trabalho, ao fazer uma separação: Serviço de

homem e serviço de mulher, homem responsável esfera pública, mulher associada a esfera doméstica. Ela afirma que essas práticas resultou em outras representações que acabaram por associar o masculino à cultura e o feminino à natureza. Mais tarde outras representações foram sendo acrescentadas, homem/ razão/ raciocínio lógico versus mulher/ emoção e intuição. Com isso, as diferenças acabavam sendo associadas à biologia. Para Silveira (s/d) são as práticas que levam às representações, que por fim vão gerir as relações de poder.

Pois estando a natureza relacionada ao biológico, certamente as diferenças se naturalizavam. Logo, esse pensamento, a forma de pensar as relações, foi associado a uma coisa engessada, imutável. Pois se as diferenças que separavam esses dois seres estavam relacionadas às suas funções biológicas, esta situação não tinha muito mais a ser discutidas. Sendo a mulher associada ao sexo, frágil, sensível e dependente, as desigualdades, não levavam a muitas indagações.

Com essa forma de associar sexo e personalidade, ficava evidente que o sexo prevalecia nessa relação gênero e sexo. Pode-se dizer que a função da mulher vai depender apenas daquilo que cabe dentro dos valores da sociedade no que se refere a seu sexo, é o que explica Linda Nicholson. Desse modo, essa mulher quando necessário torna apenas uma figura de ostentação, por exemplo, será adornada de acordo com as necessidades de seu pai ou marido, se tornará de certa forma, um “cabide”, que será usado para firmar alianças, ou para ostentar sua riqueza, seu prestígio. E quando necessário essa mesma mulher retornará ao seu papel dentro da invisibilidade. Isso pode ser confirmado quando a pesquisadora em seu artigo “Interpretando o Gênero” faz a seguinte afirmação:

Tal concepção do relacionamento entre biologia e socialização torna possível o que pode ser descrito como uma espécie de noção 'porta casacos' da identidade: o corpo é visto como um tipo de cabide de pé no qual são jogados diferentes artefatos culturais, especificamente os relativos a personalidade e comportamento. Tal modelo permitia às feministas teorizar sobre o relacionamento entre biologia e personalidade aproveitando certas vantagens do determinismo biológico, ao mesmo tempo em que dispensava certas desvantagens. [...] Não se é obrigado a jogar sobretudoos e cachecóis num porta-casacos; pode se por exemplo, jogar suéteres e até diferentes tipos de objetos, basta mudar suficientemente a natureza material do cabide. Mas se sempre vemos um porta casacos cheio de sobretudoos e cachecóis, não exigimos muita explicação, afinal trata-se de porta-casacos. Rotulo essa noção de relacionamento entre corpo, personalidade e comportamento de

'fundacionalismo biológico (Nicholson, 2000, p. 4).

Percebe-se com isto, nesta forma de apresentação, que nesta forma de avaliar há duplo benefício, pois ao mesmo tempo que oferece uma justificativa no sexo para as desigualdades, quando necessário, pode evocar “que as constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais. Assim, gênero serve para as justificativas daquilo que elas compartilham, e o que difere fica por conta de explicações como meio social ou grupo a qual ela faz parte. Ou seja, se existem diferenças no comportamento, a justificativa é que sua personalidade está apenas acompanhando alguma mudança no meio social.

Acompanhando as discussões das diferentes pesquisadoras, é possível afirmar que a forma de perceber a mulher, estava diretamente relacionada ao modo como as mulheres desde o seu nascimento, já nasciam com papéis claramente demarcados, tendo os pais se autodominando sujeitos da história e vendo as mulheres apenas nos papéis de coadjuvantes. Levando com isso à percepção daquilo que se chama acomodação, é o que Marilda Corrêa Ciribelli afirma quando apresenta uma citação de Simone de Beauvoir:

[...] Simone esclareceu que a situação de inferioridade da mulher não podia ser explicada por diferenças anatômicas, e nem fisiológicas, mas que eram resultantes de um condicionamento psíquico-social. As mães educavam as filhas para serem caseiras, submissas, dependentes, passivas, delicadas e frágeis, eram incentivadas a exercer profissões femininas. Esta educação, segundo Simone, colocava as mulheres em “segundo plano” em relação ao homem que era o Primeiro Sexo, daí o nome que deu ao livro: “O Segundo Sexo”. A mulher, segundo a autora, aparecia como uma imagem, um estereótipo, que dela se fazia, com o quê, Simone não podia concordar. (Beuvoir, s.d, *apud*, Ciribelli, 2006, p. 156-157).

Scott aponta que o termo gênero surgiu como uma proposta daquelas historiadoras que pretendiam fugir do determinismo biológico, que era utilizado sempre para enfatizar as diferenças sexuais, e para designar o que era próprio do homem, mas especificamente, aquilo que se relacionava ao feminino, ou, a natureza da mulher. Esse novo termo seria particularmente, “um divisor de águas”, pois segundo as estudiosas, ele viria não só para mudar paradigmas, mas, sobretudo, com a força de questionar a história existente.

Scott apesar de suas críticas avalia que a reivindicação das feministas para sua inserção na história, e por consequência na historiografia, foi relevante, pois suas novas interpretações e mesmo as controvérsias que surgiram, serviram para despertar indagações, pois, “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise” (Scott, 1992, p.65).

O que Scott quer mostrar, como ela mesma afirma, não é negar que homens e mulheres possuem funções sexuais diferentes, mas apontar que apesar dessas diferenças, não deve haver diferença entre os sexos. E mais, ao reivindicarem uma história separada dos homens ao cobrarem para si uma história, alegando que esta foi apresentada de forma parcial, já que os historiadores escreviam sobre homens, as historiadoras iam narrar no feminino, com isso, acabaram por firmar uma história antagônica. Scott vê o problema da seguinte forma:

Parte da história das mulheres buscava demonstrar a similaridade da atuação das mulheres e dos homens, e parte enfatizava a diferença das “mulheres” como uma categoria social fixa, uma entidade separada, um fenômeno conhecido – eram pessoas biologicamente femininas que se moviam dentro e fora de contextos e papéis diferentes, cuja experiência mudava, mas cuja essência – como mulher – não se alterava (Scott, 1992, p. 82).

Com essa afirmação Scott (1992) quer chamar atenção que tal reivindicação levou ao pressuposto que as mulheres pela sua própria condição, ou melhor, sua “natureza biológica”, independente de sua experiência individual, seu status de mulher, sua essência era imutável. Essa forma de pensar levou a mulher a ser vista coletivamente, o que significava que mesmo levando em conta os aspectos sociais, a biologia a classificava, decifrar uma mulher era conhecer todas, pois independente de seu ambiente, ou seu papel social sua sexualidade a precedia. Logo as relações de poder que separavam homens e mulheres se amparavam e se mantinham nas desigualdades sexuais.

Scott afirma que ao pressupor as mulheres como seres homogêneos colaborou no sentido de que fez surgir a “identidade coletiva”, havendo uma espécie de separação, onde mulheres e homens se classificavam em polos opostos. Mas, essa forma de estruturar as relações teve suas vantagens é o que mostra a autora quando ressalta:

O antagonismo homem versus mulher foi um foco central da política e da história, e isto teve vários efeitos: tornou possível uma mobilização política importante e disseminada, ao mesmo tempo que afirmava a posição binária macho versus fêmea. [...] Na verdade, poderia ser dito que a história das mulheres atingiu uma certa legitimidade como um empreendimento histórico, quando afirmou a natureza e a experiência separada das mulheres, e assim consolidou a identidade coletiva das mulheres. Isso teve o duplo efeito de assegurar um local para a história das mulheres na disciplina e afirmando sua diferença da “história” (Scott, 1992, p. 84).

Nicholson aponta que ao separar sexo de gênero as feministas correm o risco de fugir do determinismo biológico e se voltar para o fundacionalismo biológico, visto que, começam a relacionar o modo de agir, o comportamento, e o desenvolvimento da personalidade como resultado de sua condição biológica. Mas por outro lado, ela ressalta que gênero é o resultado das percepções, e a forma como a sociedade lida com os valores ou o comportamento no que se refere ao corpo. No intuito de explicitar seu pensamento com maior clareza Nicholson destaca:

Em resumo, o feminismo precisa abandonar o fundacionalismo⁴ biológico junto com o determinismo biológico. Defendo que a população humana difere, dentro de si mesma, não só em termos de expectativas sociais como pensamos, sentimos e agimos; há também diferenças nos modos como entendemos o corpo. Consequentemente, precisamos entender as variações sociais na distinção masculino/feminino como relacionadas a diferenças que vão “até o fundo” - aquelas diferenças ligadas não só aos fenômenos limitados que muitas anunciamos ao gênero (isto é, a estereótipos culturais de personalidade e comportamento), mas também a formas culturalmente variadas de se entender o corpo. Essa compreensão faz com que o corpo desapareça da teoria feminista. Com ela o corpo se torna, isto sim, uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar noções relativas à distinção masculino/feminino através de grandes varreduras da história humana, mas sempre presente como elemento potencialmente importante na forma como a distinção masculino/feminino permanece atuante em qualquer sociedade (Nicholson, 2000, p. 9-41).

Partindo dessa afirmação nota-se nesta autora, o objetivo de destacar as diferenças que abarca o ser humano, mostrando as mesmas, presentes não só nas relações concernentes à

⁴Segundo a própria autora, “quem somos enquanto mulheres, não difere só em relação a qualidades ocidentais, difere num nível bem mais profundo. Não há aspectos comuns emanando da biologia” (Nicholson, 2000, p. 9-41). Ou seja, o comportamento, a personalidade não é resultado de sua condição biológica.

cultura, mas também nas várias formas como essa relação influencia no modo de lidar com o corpo. Para Nicholson gênero e sexo estão diretamente relacionados.

Primeiramente as feministas tentaram associar raça, classe e gênero, para elas a desigualdade se amparava nesses três eixos. Depois foram desenvolvendo outras teorias, pois segundo elas, tinham que buscar uma resposta para explicar as desigualdades que persistiam. Esse estudo culminou num reconhecimento de uma história das mulheres, mas que não despertou grande interesse naqueles que não faziam parte desse movimento.

Assim nascia uma história descartada, ou relegada ao descaso, cuja maior conquista talvez, esteja numa escrita à parte, completamente isolada da história tradicional. Cujo maior reconhecimento de sua participação na história era a afirmação de que essa descoberta não mudava em nada o que já estava escrito. Após a apresentação desse novo trabalho sobre o gênero, a historiadora Scott (2000) narra que fizeram a seguinte observação: “minha compreensão da Revolução Francesa não mudou quando eu descobri que as mulheres participaram dela”.

Scott traz esta narrativa a fim de mostrar que diante dessa afirmação, estava lançado o desafio, pois “ele exige a análise não só da relação entre as experiências masculino e feminino no passado mas também a ligação entre as histórias do passado e as práticas históricas atuais”(Scott, 2000, p. 5).

Scott (1992) tece uma crítica ao afirmar que os historiadores ao tentarem teorizar gênero, acabaram por utilizar as mesmas proposições antigas, com isso tornaram a esbarrarem nas mesmas limitações, cuja explicação, acabava caindo no reducionismo.

É por pensar desse modo que as historiadoras feministas após a década de 80, vão começar a reivindicar uma igualdade entre homens e mulheres. Para isso vão buscar nos estudos ao longo do tempo, tentando identificar nas histórias sociais, de que forma as mulheres eram apresentadas e quais papéis lhes eram designados.

Assim, aquela história que apresentava o homem como sujeito da história se mostra incompleta, ou ainda, aquela dualidade homem versus mulher, associando razão e sensibilidade não servia mais, contudo se gênero mostrou que as ações estavam de certa forma relacionada ao contexto sociocultural, mostrando que o meio influenciava os comportamentos, Scott (1992) parte então para uma nova maneira de estruturar a história.

Logo, é através de estudos que envolvem desde o homem, a mulher, classe social, raça,

etnia, sexo, sexualidade, tudo isso somado às ações, os valores e os comportamentos e uma série de outros conceitos, e principalmente observando as relações de poder, que essas estudiosas vão buscar interpretações para as diferenças entre os sexos. Portanto, o termo agora era utilizado como análise e Scott o apresenta desse modo:

A categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença. A política de identidade dos anos 80 trouxe à tona alegações múltiplas que desafiaram o significado unitário da categoria das “mulheres”. Na verdade, o termo “mulheres” dificilmente poderia ser usado sem modificação: mulheres de cor, mulheres judias, mulheres lésbicas, mulheres trabalhadoras pobres, mães solteiras, foram apenas algumas das categorias introduzidas. Todas desafiavam a hegemonia heterossexual da classe média branca do termo “mulheres”, argumentando que as diferenças fundamentais da experiência tornaram impossível reivindicar uma identidade isolada (Scott, 1992, p. 87).

Com sua pesquisa, o que Scott quer esclarecer é que ao introduzir gênero mostrando as “diferenças dentro da diferença”, mostrar que as experiências são ímpares, assim classificar mulheres como sendo portadoras de uma identidade única é cair no mesmo reducionismo de ser universal. Seu objetivo é apresentar que uma mulher que viveu em um contexto, ou de uma classe social qualquer, certamente será diferente de outra que nasceu em outro contexto, ou de uma classe social diferente da sua, ela pode até ter algo em comum com a outra, mas , certamente vai ser diferente, com valores diferentes. Desse modo, o que Scott quer mostrar é a importância de analisar como essa diferença foi construída.

Essa discussão sobre gênero teve o intuito de tentar compreender o que levou a desigualdade entre homens e mulheres, que culminou na ausência da mulher no campo historiográfico. E estas especificações sobre gênero levam a perceber que isto pode estar certamente relacionado a inúmeros fatores, e estes, sempre ligados às relações de poder. Pensando nisto, o próximo assunto analisará a mulher negra, sua inserção nessa sociedade em que o homem historicamente reivindicou sua ascensão sobre a mulher, todavia, quando se pensa numa sociedade racializada, como a brasileira, é possível perceber os diferentes papéis sociais, os quais levam em consideração premissas raciais, por esta razão, apenas estudar gênero e/ ou a mulher na historiografia, não responde todas as questões relacionadas às mulheres, uma vez que, mesmo entre elas, as representações são plurais, se fundam na classe, religiosidade e,

sobretudo na cor.

2.3 Mulher Negra: corpo e representação social

Como destacado anteriormente, durante muito tempo as mulheres estiveram ausentes da historiografia, sendo a mulher negra, associada à categoria “mulheres de cor”, buscar sua relação nesse universo feminino é basicamente contar a histórias dos escravizados, e posteriormente apresentá-la destacada nas estatísticas da desigualdade social.

Diante da invisibilidade da mulher branca, o que sobraria para essa personagem que foi “trazida” e sequer carregava um sobrenome. Pois, segundo Falci (1997), estas mulheres eram consideradas apenas “coisas” e seu sobrenome era apenas um número, com destaque para o nome de seu proprietário. Essa informação é apenas para enfatizar como eram identificadas as escravizadas, como “propriedade”.

Essa mulher escrava, ao conquistar a liberdade, ao livrar-se do cativo, não se livrou portanto, do estigma da raça, o qual a acompanha até os dias de hoje. E é este estigma o provocador de uma divisão na História das mulheres, pois por ser negra, recebe olhar diferente, ocupa espaços diferenciados na sociedade e muitas vezes, é vista antes como negra, depois como mulher.

Gilberto Freire em sua obra clássica “Casa-grande e senzala” deu a essa personagem bastante destaque. No intuito de mostrar a sociedade colonial e destacar a harmonia entre negros e brancos a relação senhor e escravizado é de certa forma abrangente. Aborda desde a cultura que o branco herdou do negro, destaca as prendas domésticas, o carinho, o cafuné, mas ressalta principalmente a negra fogaosa que inicia desde cedo o menino, filho do seu senhor nos prazeres do sexo. Freire mostra a presença dessa mulher de cor negra influenciando de forma direta ou vaga como ele mesmo afirma:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo quanto é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos

embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo (Freire, 2000, P.343).

Nota-se que mesmo nos discursos romanceados, quando o autor quer apontar a presença da figura feminina negra com intuito de mostrar a boa relação que existia no convívio entre brancos e negros, é destacadamente demarcado o lugar ao qual cada um pertencia. Esse lugar é tão naturalmente enumerado, que mesmo no intuito de enfatizar uma democracia racial, Freire acaba por deixar entrever qual papel cada um exercia nessa relação. O que fica evidenciado é que o termo “propriedade” ia bem além do econômico, da completa servidão, mostrando que a mesma era explorada na sua doação, no seu carinho e principalmente na sua sexualidade. Tanto pelos senhores, como pelos seus filhos.

No que se refere à reprodução, constata-se que mulheres negras e brancas compactuaram dos mesmos papéis. Ambas eram consideradas procriadoras. Freire (2000) cita que Joaquim Nabuco ouviu dos fazendeiros a seguinte declaração “a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre” (Nabuco, s.d, *apud*, Freire, 2000, p. 372). Com essa afirmação se nota, que enquanto o filho da mulher branca era para perpetuar o nome da família, o filho da escravizada significava aumento dos bens, pois nascimento de filhos de escravizadas significava aumento na propriedade.

Leila Mezan Algranti em seu estudo sobre a honra das mulheres, destaca que nos tempos da colônia, a honra era considerado um elemento fundamental para as mulheres, e que esse mesmo bem, era condição apenas dos cidadãos livres. Na condição de escravizada, ou, qualquer mulher de cor, cativa ou liberta, era considerada sem honra. Isso mostra que os códigos que regiam essa sociedade não levava em conta a mulher negra, enquanto a honra era uma virtude inata à mulher branca, para aquela sociedade essa virtude não se estendia à mulher negra. Pois de acordo com Algranti,

As escravas eram consideradas mulheres sem honra, e com as quais um homem branco podia se relacionar sem levar em conta as normas de conduta que regiam as relações entre os sexos. [...]. Diferentemente do que sucedia com

as mulheres livres, as escravas não usufruíam os mesmos privilégios concedidos normalmente ao seu sexo, nem podiam apelar legalmente em caso de estupros ou qualquer outro abuso sexual. A escrava vivia assim, nesta e outras situações, uma experiência bastante distinta das demais mulheres. Ela não somente era subjugada por sua condição de mulher – numa sociedade dominada pelos homens –, mas o homem que a subjugava não era nem seu pai, nem seu marido, mas sim seu senhor (Algranti, 1993, p.122).

Embora, o Brasil adentrou o século XX sem o cativeiro, a percepção da sociedade em relação às crenças raciais, não se alteraram com a Lei Áurea, assim, se explica tanta diferenciação no tratamento destinado à população negra no país. Isto é, a liberdade não (des)racializou essa população. Em razão disso, a mulher negra sofreu tanto na sociedade quanto na historiografia, duas segregações, uma por ser mulher e outra por ser negra.

Essa visão da escravizada é nitidamente mostrada na obra de Freire (2000), pois nos relatos, o autor comenta sobre as relações que envolvem a mulher negra com os senhores, ou mesmo seus filhos, e não é feita nenhuma menção à honra dessa cativa. O que se mostra nos relatos dessa sociedade patriarcal, é que toda luxúria ou depravação citada pelo autor está associada à escravizada, e não à africana. Como se africano e escravizado não fossem as mesmas pessoas. Nessa questão fica claro aquilo que Scott classifica como “questões das diferenças dentro da diferença” (Scott, 1982, p. 87).

Percebe-se então que mesmo tentando enaltecer uma relação, as velhas teorias de raças superiores e inferiores estão sempre aflorando, quando o autor utiliza características “ladino”, ou “imoral”, por exemplo. Nessas idas e vindas, a negra é citada como um elemento que influenciava cotidianamente de alguma forma, com ênfase na vida sexual da família brasileira. O papel da negra nessa sociedade transcendia os afazeres domésticos e pairava sempre no sensual, ou no sexual. Segundo essas narrativas, as “negrinhas” têm grandes responsabilidades no que se referem à educação depravada desses meninos, pois,

[...] muito menino brasileiro do tempo da escravidão foi criado inteiramente pelas mucamas. Raro o que não foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai ou a mãe. Que não cresceu entre moleques. Aprendendo safadeza com eles e com as negras da copa. E cedo perdendo a virgindade. Virgindade do corpo. Virgindade do espírito (Freire, 2000, p. 404).

Mas parece que mesmo culpando a negra pelas “depravações” exercidas sobre os meninos desde cedo, a escolha dessa figura que ia ficar em constante contato com a família, compactuava para isso. Pois segundo Freire a preferência era pelas “negras altas e atraentes – bonitas de cara e de corpo e com todos os dentes da frente” (Freire, 2000, p. 370).

Em suas narrativas, às vezes esse corpo se torna apenas fonte de alimentação, como é o caso das amas de leite, que Freire menciona até um “Guia médica” que ensina a escolher o seio adequado para a amamentação. O mesmo indica que “os peitos deverão ser convenientemente desenvolvidos, nem rijos nem moles, os bicos nem muito pontudos nem encolhidos, accommodados ao lábio do menino” (J. b. A.Imbert, s.d, apud, Freire, 2000, p. 415).

Ao refletir a forma como Freire (2000) mostra essa sociedade, não se pode deixar de notar nas relações cotidianas entre senhor e escravizada, a impossibilidade de não associar a presença constante desse corpo material. Em todas as relações estão presentes os braços, as mãos, os pés, os seios ou o sexo. Podendo completar ainda que esse corpo ao mesmo tempo que servia para o trabalho ou a diversão, tinha que suportar muitas vezes a fúria dos açoitados de seus senhores, ou como o próprio autor afirma, servia para aplacar a ira de sua senhora, quando nos acessos de ciúme e fúria, chegou a apresentar partes, como seios e olhos servidos em tigelas na hora das refeições.

Destacando ainda, que esse corpo era marcado, assim como marcam os animais, a fim de indicar a quem pertencia essa “propriedade”. Laura Guimarães Corrêa afirma:

O poder dos senhores de engenho sempre foi inscrito no corpo dos escravos. Seus corpos foram marcados a ferro, com as iniciais de seus donos. Partes de seus corpos foram queimadas ou mutiladas de acordo com conveniências, ciúmes, castigos ou desconfiança. Aparelhos antifuga e instrumento de tortura e humilhação eram atados aos corpos dos escravos, tanto para marcar o negro fugitivo, como para impedir outras tentativas de fuga (Corrêa, 2006, p. 44).

É importante apontar que o uso desse corpo sempre foi feito de acordo com as necessidades, ou melhor, às conveniências. Se precisasse de uma trabalhadora braçal, a negra estava na lavoura. Se houvesse a necessidade de uma cozinheira, ou de uma ama-de-leite, a negra era levada para a casa-grande. Mas se a carência fosse sexual, a “negrinha” era quem servia para “embalar a rede”. Essa afirmação é apenas para enfatizar que nessa relação, o corpo

da mulher de cor, tinha uma pluralidade de conveniências.

O motivo dessa discussão retrocedendo ao período colonial tem por objetivo apresentar nas antigas relações, como as práticas e o corpo estavam constantemente presentes nessa relação senhor e escravizada. Portanto, assim como, o uso desse corpo da escravizada serviu para definir sua posição na hierarquia daquela sociedade, esse mesmo corpo como forma de resistência cultivou seus valores, imprimiu sua identidade no colorido de suas vestes, expressou sua cultura nos turbantes coloridos, ou, mesmos brancos, assumiu seus cabelos crespos nas mais diversas formas.

Logo, é através da pesquisa dessa relação, mulher negra, corpo e sociedade, que esse estudo tem o intuito de identificar se as visões que se tinha a respeito desta, ainda hoje permeiam e fazem parte do cotidiano da maioria das mulheres de cor negra. Mais de um século se passou da Abolição da escravatura, a mulher negra foi libertada, muitas conquistas no mundo feminino. Mas como está esta mulher, que caminhou lado a lado com todas as transformações, qual papel ela exerce hoje? Como ela ainda é vista, com quais preconceitos ainda tem que lidar? A revista reproduz esta visão racializada?

Esses autores ajudam a responder essas questões. Segundo Munanga e Gomes a mulher negra continua associada e representando os antigos papéis, exercendo serviços subalternos, em cargos inferiores às outras mulheres, ou ainda cuidando da casa e dos filhos das mulheres brancas. Para esses autores, “a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação; ser mulher numa sociedade machista e ser negra numa sociedade racista (Munanga & Gomes, 2006, p. 133).

Com essa afirmação, os autores apontam que apesar de ter havido emancipação, a mulher negra não conseguiu se libertar, continua refém dos velhos estereótipos, sendo associada e relegada à velha hierarquia hegemônica, onde branco e negros continuam com seus papéis claramente demarcados.

É o que discute Alzira Rufino, em seu artigo “Mulher Negra uma outra história” onde ela indaga: “Avanço das mulheres. Que mulheres?” Com essa indagação a pesquisadora e defensora dos direitos das mulheres negras, aponta que apesar de ter ocorrido várias mudanças, com as estatísticas apresentando em forma de números uma grande presença das mulheres em alguns cargos que antes eram ocupados apenas por homens, hoje as mulheres estão em maior número. Só que esses índices mostram mulheres brancas. Com indagações como esta, o

objetivo da pesquisadora é apontar que enquanto as mulheres brancas estão vencendo os estereótipos, as negras continuam exercendo os mesmos cargos subalternos, a presença de certos segmentos midiáticos colabora no sentido de apresentar uma imagem negativada na qual,

[...] a mulher negra sofre todo o impacto de uma mídia dirigida para a mulher branca. Desde menina vai espelhar-se nos padrões brancos de beleza, vai rejeitar seus próprios traços raciais. [...] O corpo da mulher negra é vendido nas imagens da mídia como marketing para o turismo sexual (Rufino, 2003).

No estudo “O sentido da liberdade para as mulheres negras: Discussão necessária” as autoras Maria Simone Euclides et al. (2011), tece uma crítica aos escritos históricos no que se refere à Abolição, pois segundo estas, a história insiste em apontar como marco histórico, a assinatura da Lei Áurea, não se preocupando porém em fazer uma problematização do que aconteceu com esses libertos. Afirmam ainda que a “ideia de democracia racial tão bem difundida por Gilberto Freire” (Euclides et al, 2011, p. 4) levou essas mulheres a se manterem na invisibilidade durante a constituição da nação brasileira.

Destacam ainda a presença de um racismo velado, que não se dá apenas no âmbito econômico, mas que manifestam constantemente é o que destaca Euclides et al:

Mas se fazem presente em meio a discursos diversos nos quais a representação da negritude se dá por meio de símbolos e signos que depreciam sua identidade enquanto mulher e negra. Dentre alguns exemplos, tem-se a negação quando se imagina um padrão de beleza onde os traços da mulher branca parecem homogeneizar e tornar-se o único “padrão” de beleza existente; ou ainda, das heranças deixadas pela escravidão se antes essas se encontravam dentro das casas grandes atuando como mães pretas, cozinheiras ou ama de leite, nos dias atuais as posições onde mais facilmente se encontram se referem justamente a de empregadas ou babás (Euclides et al, 2011, p. 6).

Portanto, pensando na forma como esta mulher é representada, nos estereótipos que estão sempre relacionados à mulher de cor, o próximo capítulo tratará de mostrar como esta figura está inserida na revista, qual papel de destaque lhe coube. Para isto, qualquer forma de apresentação ou representação no que se refere à mulher negra, aquilo que levar a alguma

indagação será analisado a fim de perceber se esta revista externa ou reforça os estereótipos raciais

Pois, não se trata apenas de perceber o quanto a mulher tem sido inserida na historiografia, na mídia, é preciso, acima de tudo, entender essa inserção, sobretudo na revista. Porque o fato de a mulher ter ganhado espaço na produção historiográfica, bem como maior destaque na mídia, é preciso verificar ainda, como tem se dado essa representação na imprensa, em especial no que diz respeito às mulheres negras. A exposição delas nessa revista ajuda a romper com preconceitos? Ou ajuda reforça-los, nos textos ou no silêncio das imagens? O capítulo a seguir ajuda responder estas e outras questões.

CAPÍTULO III

A MULHER NEGRA NA REVISTA: ESTEREÓTIPOS DO PRESENTE E DO PASSADO

Ela viu um anúncio da cônica para todas as mulheres do mundo...Procurou, não se achou ali. Ela era nenhuma. Tinha destino de preto. Quis mudar de Brasil: ser modelo em Soweto. Queria ser realidade. Ficou naquele ou eu morro ou eu luto...Disseram: Às vezes um negro compromete o produto. Ficou só. Ligou a TV (Elisa Lucinda).

3.1 Revista, corpo e representação

Depois dos estudos abordados nos capítulos anteriores, principalmente, no que se refere as teorias raciais, pode-se afirmar que o homem é um ser suscetível, podendo influenciar, bem como sofrer influências. É possível fazer essa afirmação ao analisar como o europeu conseguiu tão bem impregnar no ideário dos intelectuais brasileiros suas teses que foram tão difundidas no século XIX, e que estes estudiosos, ao se encarregarem de escrever a história da nova nação que se despontava, trataram logo de adequá-las e conseguiram disseminar a ideia de que a cor incidia nas faculdades intelectuais, morais e sociais do ser humano. Essas crenças foram sendo introjetadas lentamente, mas foram arduamente discutidas que acabaram por se tornar verdades no ideário nacional. Logo, as teorias raciais conseguiram influenciar a mentalidade do povo brasileiro, ou melhor, conseguiu internalizar nesta sociedade uma visão preconceituosa que mesmo cem anos após a Abolição, esta sociedade que se diz tão democrática ainda olha o negro com o ranço da escravidão.

Na contemporaneidade a indústria midiática é reconhecida pela rapidez com que consegue apresentar os principais acontecimentos do Brasil e do mundo. Ela é o elo entre o homem e os fatos. No que se refere aos periódicos semanais, isso só não acontece em tempo real, mas a mídia escrita está sempre atualizada com as últimas novidades sejam elas tecnológicas, científicas, políticas, sociais, entre outras. Sendo um meio que aborda vários assuntos, ela possui certa credibilidade, para alguns ela é a própria verdade. Desse modo, ela pode ser uma grande aliada no combate ao racismo mas, por outro lado pode ser uma grande

disseminadora de crenças racistas, na medida em que a imprensa pode ser um espaço de criação de representações ou da reprodução de representações.

Pensando assim, na concretização desta pesquisa é necessário analisar a forma como a mulher negra é representada na *Revista Veja*, no intuito de perceber como ela lida com as questões referentes aos problemas raciais. Suas páginas podem tanto reforçar as históricas adjetivações, as quais desqualificam a mulher negra, reduzindo-a ora o objeto sexual ora como serva doméstica, mas poderia também ser uma voz na luta contra a desconstrução dessa visão preconceituosa. Como a revista é produto desta sociedade, o que se verá abaixo é a expressão de uma revista em cujas páginas a imagem da mulher negra em geral ainda reforça o lugar subalternizado ocupado por esse grupo.

A *Revista Veja* de acordo com o artigo “Conceitos e Técnicas da Mídia I” (Estudos Marplan, 2008), apresenta o seguinte perfil de leitores: 32% classe A, 37% classe B, 23% classe C, e os 8% restantes pertencem à classe D e E. Logo, os leitores desta revista faz parte de uma elite, com nível de instrução médio e superior, cuja renda familiar de 45% destes está acima de 9.000,00 mensais. Esse estudo aponta ainda que seus leitores estão calculados em torno de 7.544.000, somando primários e secundários, entende-se por primário o primeiro leitor, secundários são aqueles que terão acesso a esse mesmo exemplar. Nesses números, o sexo feminino conta 53% e o masculino 47%.

De acordo com os números citados, a mídia conhece o perfil de seus leitores; a quem ela está falando, seus hábitos, suas preferências, tem afinidade com seu universo, bem como, representa seu segmento. Pois, segundo um enunciado da página três do artigo citado anteriormente “O anunciante não compra espaços na mídia (anúncios em jornais, revistas, TV, internet...) ele compra leitores”.

Então avaliando o perfil de seus leitores e a forma como esta se apresenta, esta pesquisa parte para a própria análise, que é realizar um estudo sobre a exposição da mulher negra na *Revista Veja*. No intuito de saber se a mesma reproduz preconceitos, estereótipos no que se refere a mulher de cor, esta pesquisa destacará toda e qualquer apresentação da mulher negra.

Corrêa, em sua Dissertação intitulada “De corpo presente: o negro na publicidade em revista” afirma: “Em cada tempo, situação e lugar existe o código do corpo que deve ser observado e obedecido” (Corrêa, 2006, p.39). Tendo isso em conta, o corpo da mulher torna um objeto de reflexão que leva a inúmeras possibilidades e desdobramentos, podendo decifrar em

suas formas, ou nas vestes que cobrem esse formato, ou mesmo na sua ausência, muita coisa referente a essa sociedade na qual esse corpo está inserido.

Nesse sentido, é importante avaliar as imagens à luz das teorias raciais vistas no primeiro capítulo. Uma vez que, como disse Munanga (2006) a força das teorias raciais atravessaram o século XX, e não foram de todo superada, por isso, em muitos aspectos a população negra ainda sofre um processo de segregação social, com o preconceito racial, porque ainda é representado tendo como referência as ideias racistas concebida em nome de uma suposta ciência. Olhar para a revista *Veja* é, portanto, olhar para uma espécie de “voz” dessa sociedade, uma sociedade ainda adoecida, maculada pela força destruidora da discriminação social. Não se quer aqui, culpar a revista por essa situação, mas observá-la como veiculadora de imagens sem a menor preocupação das distorções que isso ajuda a perpetuar

O ano 1988 foi um ano emblemático para o debate sobre a condição da população negra no Brasil, afinal o país completava seu primeiro século sem escravidão. A fim de perceber nesse processo, a presença, ou ainda, continuidades ou rupturas na inserção da mulher negra nesse periódico. Esse ano como foi bem destacado na introdução foi escolhido por ser o Centenário da Abolição e também quando foi instituída a “Constituição Cidadã” na qual, o racismo se tornou crime inafiançável. Desse modo, esperava-se que a sociedade, bem como a mídia começasse a combater o racismo que se mostra presente de forma velada ou explícito que acompanha o negro, nesse caso, a mulher negra. Pela razão de ser a condição da mulher na revista *Veja* o objeto de investigação deste trabalho..

Assim, algumas fotografias femininas foram escolhidas para serem analisadas, a primeira delas, a figura⁵ 01 aparece na coluna “gente”, esta, apresenta as últimas novidades dos famosos, ou qualquer figura que se destacou em algum evento importante. Nesse caso o tema é o carnaval. Acompanhando a primeira fotografia tem uma pequena nota falando do carnaval, a ênfase é para uma senhora de 62 anos que pela segunda vez na avenida fará o papel da princesa Isabel. Falando sobre a princesa Regente ela afirma “apesar da controvérsia do papel que ela representou na libertação dos escravos, eu tenho certeza que ela amava a raça negra” ela continua, “no lugar dela certamente teria feito a mesma coisa” (1988, p. 52), no caso, ela está falando da Abolição da escravatura.

⁵ Figura, imagem ou fotografia serão apresentadas sempre com o mesmo sentido.

O que desperta a atenção, é que essa foto foi feita em sua casa, mostrando uma senhora bastante distinta, de pele clara, com joias e coroa de rainha, mas, a ênfase da imagem fica por conta da empregada doméstica, mostra uma negra cujo uniforme e posição de servidão, indicam de longe seu papel. A empregada afirma que ganha um bom salário e que trabalha para esta senhora há 10 anos. Inês, esse é o nome da empregada, defende a semelhança de sua patroa com a Princesa Isabel afirmando “a patroa se parece com a princesa que libertou meus ancestrais” (Veja,1988, p. 52).

Da análise dessa imagem é possível perceber que tal qual a Abolição ela teria “libertado”. Mas da mesma forma ela não emancipou, que mesmo após tantos anos de trabalho prestado ela não ofereceu às condições da emancipação, pois sob a justificativa de um bom salário a negra continua a exercer o mesmo serviço subalterno e de certa forma se mostra até agradecida, com seu papel de empregada doméstica, que é de “servir”. Parece até aquela antiga visão de brancos e negros vivendo harmoniosamente é como deparar com aquela afirmação de Freire:

A casa- grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, irmão de criação de meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos mas o de pessoas da casa. Espécie de parentes pobres nas famílias europeias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Muleques de estimação. Alguns saíam a passear de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem da família (Freire, 2000, p. 406).

Em alguns pontos parece até o presente representando o passado, uma negra toda empertigada servindo sua patroa e ainda agradecida por poder estar exercendo aquele trabalho de servidão.

Sendo a revista a fonte dessa análise pode-se afirmar que ela se apresenta apenas como mera narradora, em nenhum momento ela chama atenção para os estereótipos presentes representado no papel da mulher branca como a princesa, e a mulher negra exercendo o mesmo papel do seu tempo de cativa, só que agora ao invés de pés descalços e turbante, o que se destaca é o uniforme sóbrio em contraste com a touca e o avental branco. O único interesse que a revista apresentou foi destacar a benevolência desta senhora para com sua serviçal, que no caso estava mais que recompensada por ter um bom salário.

Figura 01



Edição 1015 – 17/02/1988, (p. 52)

Poderia até ser uma cena comum, mas que leva a uma reflexão quando o tema envolve libertação, logo, não poderia deixar de enfatizar a cor das personagens. Isso mostra que o homem diante das representações de antigas práticas tenta combinar motivos com razão. Por isso a afirmação de Roger Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 2002, p. 17).

É relevante considerar que existem várias e diferentes formas de interpretação para uma mesma leitura. Assim como o uso e a forma de apresentação dessa leitura. Humberto Eco afirma, “interpretar um texto significa explicar que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pela qual são interpretadas” (Eco, 1993, p. 28).

A próxima revista a ser analisada é a edição 1027 de 11 de maio de 1988, Veja traz uma reportagem em comemoração ao centenário, com capa dedicada aos negros, na coluna especial intitulada “Centenário de um mau século: o deprimente Brasil dos escravos de 1888 tem razões

para inquietar o país de hoje” e “O branco selvagem: O Centenário da Abolição é um convite para se refletir sobre a mal resolvida questão do trabalho no Brasil”. Esta edição aponta a discriminação que leva o negro 100 anos depois, a ganharem menos que o branco, ter as piores moradias superando o branco apenas na mortalidade, que vem mais cedo. O autor dessa reportagem é Luiz Felipe de Alencastro (historiador e cientista político brasileiro), ele destaca muito bem a desigualdade entre brancos e negros, chama a atenção para a forma como Gilberto Freire apresentou essa sociedade para o mundo, e o seu mito de “democracia racial”. Ele aponta claramente que as diferenças são resultado do racismo, mostra isso ao apresentar que pessoas de cor diferente, mesmo possuindo a mesma formação profissional o salário do negro é inferior ao do branco (Alencastro, 1988, p. 22-25).

A parte crítica que acompanha e até contrapõem esta escrita bastante reflexiva são as ilustrações que acompanham essa matéria, principalmente estas representadas nas figuras 02 e 03. A parte que realmente chama atenção são o modo como a mulher negra está representada. Ao analisar a figura 02, mostra uma imagem de uma mulher desempenhando o papel de zeladora do metrô, apresenta uma figura solitária e pensativa, parece ser uma vassoura o que ela tem nas mãos. Parece que se trata de uma mulher exercendo a função de zeladora, pois, devido o ângulo da fotografia, o foco da mulher negra se perde na penumbra, mas talvez seja esta a intenção, misturar negro e escuro, tornando quase invisível o rosto da mulher.

Já a figura 03 mostra duas banhistas, uma apresenta apenas a parte superior do corpo, com um biquíni mínimo, e a outra, numa posição de mergulho é representada simplesmente por um “bumbum”. O interessante dessa imagem, é que além dos trajes sumários, a segunda nem rosto mostra, só a “bunda”, ou seja, representa apenas um corpo, cuja parte da anatomia destacada remete à negra sensual, ferosa e depravada. Completando a crítica, até agora elas apareceram apenas como a “preta gostosa ou então a serviçal”.

Avaliando essas duas imagens, desperta uma indagação, qual a finalidade de uma reportagem, cuja parte do título é “o deprimente Brasil dos escravos de 1888 tem razões para inquietar o país de hoje”, mostrar crítica do racismo em sua matéria, apresentar as desigualdades, mas representar as mulheres negras dessa forma, quando a própria matéria, destaca o negro de maneira generalizada. Essas imagens só confirmam os velhos estereótipos mostrando que cem anos após a Abolição, a mulher negra continua associada ao trabalho subalterno. Suas mãos continuam associadas ao serviço doméstico e seu corpo à sensualidade.

Figura 02



Edição 1027 – 11/05/1988 (p. 28-29)

Figura 03



Edição 1027 – 11/05/1988 (p.31)

Isildinha B. Nogueira em seu estudo sobre “O corpo da mulher da mulher negra” faz a seguinte afirmação:

Ainda que hoje a mulher negra encontre outras condições de vida não é fácil livrar-se desse lugar, principalmente no que se refere à sexualidade. Mesmo que aparentemente mais assimilados na cultura brasileira, os negros, em particular a mulher negra, se vê aprisionada em alguns lugares: a sambista, a mulata, a doméstica, herança desse passado histórico (Nogueira, s/d, p 4).

O leitor ao ter em mãos uma revista, poucos serão aqueles, que olharão estes registros com um olhar de criticidade, ou mesmo, lançarão dúvidas sobre o que está ali registrado, ele espera apenas se inteirar dos acontecimentos atuais, e também contar com uma pequena dose de entretenimento contida nessas páginas. Mas isso não significa que a mesma não irá influenciá-lo, a revista não é neutra.

Muitos ao depararem com imagens como esta, a leitura que deveria ser o foco da reportagem, torna-se elemento secundário. O que estas ilustrações despertam, e as outras, que fazem parte dessa mesma matéria é apenas suscitar velhas piadinhas adjetivadas referentes ao negro. É como afirma Nogueira (s/d), a mulher negra carrega ainda o ranço da escravização, seu corpo está sempre associado aos antigos papéis e seu corpo é um eterno prisioneiro do seu passado histórico. Mas, o mais importante é destacar que apesar de reportagens como esta do “Centenário da Abolição”, que enfatiza as desigualdades, a presença mascarada do racismo, ou direcionar uma lei especialmente para combatê-lo pouca coisa mudou.

De acordo com Chartier todo discurso tem uma finalidade, dessa forma ao analisar um documento, nesse caso, uma imagem, a quem interessa, ou a quem está atendendo quando insiste em associar a mulher de cor a antigos padrões raciais? Roger Chartier faz a seguinte afirmação:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros; produzem estratégias e práticas (sociais, escolares e políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outro, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (Chartier, 2002, p. 17).

Desse modo, e pensando de acordo com Chartier, que não existe neutralidade, e tentando ver no artifício ou na pose a revelação de uma realidade é interessante analisar que no mesmo ano, a edição 1030 de 01/06/1988 traz uma publicidade de dupla página, é a figura 04, cujo destaque, é apenas uma imagem. Pode-se dizer que esta, é a representação de uma antítese. Logo, é impossível olhar esta imagem sem notar o que ela representa. Para muitos talvez ela seja apenas uma representação normal, afinal mostra duas mulheres, uma branca e a outra negra, uma muito bem vestida, e a outra se mostra, como se tivesse pegado as peças aleatoriamente, e fosse apenas um cabide que essas roupas tinham que comportar.

Se essa imagem foi feita para despertar através deste contraste reflexões, ou talvez indagações, a pergunta é: Porque, é a mulher branca que está bem vestida? Qual o objetivo de uma imagem, ao enfatizar a grande diferença entre a mulher branca e a negra?

Figura 04



Edição - 1030 01/06/1988 (p. 92-93)

Para Carlo Ginzburg, “por um lado a representação faz às vezes de uma realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto sugere a presença” (Ginzburg, 2001, p. 85). Apontando que o elemento substituto prevalece sobre o elemento imitado. Para explicar essa complexidade, o autor mostra, assim

como os manequins de madeira ou de cera serviam para eternizar a figura de um rei, e, no cristianismo a presença das imagens servem para lembrar o que elas representam, para Ginzburg, a representação é a confirmação da ausência, do elemento representado, mas, ao mesmo tempo, é a representação sem perder o valor, a essência. Ele utiliza como forma de exemplificar, a hóstia sagrada no catolicismo, para os católicos, ela não representa o Corpo de Cristo, Ela é o próprio Cristo. Pode-se afirmar então que a mulher negra, se por um lado ela representa apenas uma mulher, por outro, em razão de sua cor, sobre seu corpo negro pesará o estigma de seu passado histórico, logo, ela será aquela antiga mulher das mãos calejadas do serviço subalterno, e o seu corpo sempre visto como objeto sensualizado.

Mas qual seu interesse em reproduzir esse preconceito apresentando a mulher negra associada a antigos papéis? Como foi destacado anteriormente “o anunciante não compra espaços na mídia ele compra leitores”.

Luca quando analisa os periódicos, aponta que numa análise tudo deve ser pensado. Desde a capa, o tipo de papel utilizado, a presença ou a ausência de ilustração, a publicidade, bem como, o público que ela almeja atingir. Não podendo deixar de lado o conteúdo e seus idealizadores, no que se refere a estes ela afirma: “[...] jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita” (Luca, 2010, p. 140).

Por isso, ela destaca principalmente, que ao analisar o conteúdo da pesquisa, nesse caso, as imagens, qual lugar lhes cabe dentro desta publicação. Então, seguindo os critérios sugeridos pela autora para saber qual lugar lhes coube, é necessário avaliar quais papéis estas mulheres estão representando. Assim, no intuito de fazer essa leitura será levado em conta o texto, ou, a falta do mesmo em alguns casos.

A próxima imagem já é do ano 2003, ano em que foi instituído a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira” nas escolas. É a figura de número 05, e a garota é Quitéria Chagas. No pequeno texto que acompanha está escrito assim: “Será que é o penteado?, esse é o título. Ela tem tudo para ser a musa do carnaval: olhão, bocão e... outras coisas igualmente enormes. O conjunto rendeu a Quitéria Chagas, 22 anos, o papel das vinhetas da Rede Globo...” (Veja, 2003, p.75).

É impossível deixar de perceber na indagação, que, ao mesmo tempo que é irônica, chama a atenção para o penteado. Depois vai enumerando suas “qualidades”, “olhão, bocão e... outras coisas enormes” como se fosse até historinha de chapeuzinho vermelho, e ela no papel do lobo mau. Mas, quem escreveu não consegue deixar de destacar novamente para o leitor sobre o seu penteado, e segue citando, “não tem mais sossego quando sai à rua com seu inconfundível penteado de inspiração africana”. “Inspiração africana”? Negro no Brasil é diferente de negro na África, negro aqui tem que usar penteado de branco? Essa forma de referir à mulher negra dialoga com Nilma Lino Gomes quando ela faz a seguinte afirmação:

Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo do negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (Gomes, 2002, p. 42).

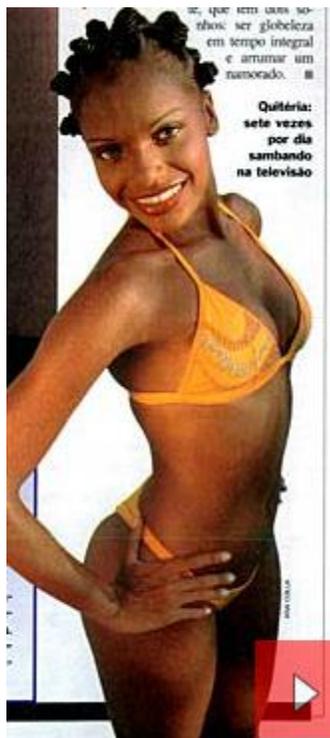
Diante dessa afirmação de Gomes era desnecessário pontuar mais alguma coisa. Mas, são afirmações como esta que dão a certeza da difícil luta que a mulher negra enfrenta ao assumir seus cabelos crespos e os seus penteados de “inspiração africana”, os quais muitas vezes ainda são associados à falta de higiene.

Representada na figura de número seis 06, a próxima a ser analisada mostra uma negra vestida em trajes de fantasia de carnaval, nas cores amarelo e verde, com predominância para a cor amarelo, é a propaganda da festa de São João no Maranhão, e apresenta a seguinte frase “o melhor São João do Brasil no verão do Maranhão”, ao lado dela tem a imagem de um homem em trajes folclóricos que tem os olhos voltados para a figura da mulher. Na página seguinte da revista aparece também a figura do bumba meu boi.

De acordo com pesquisas, esta festa é uma mistura de ritmos e coloridos, e cheia de diversidades, cuja atração principal é o bumba meu boi, qual a razão então para a protagonista desta cena ser uma mulher, em trajes menores, mesmo que esta esteja usando roupas carnavalescas, porque não, a figura folclórica da festa?

É importante destacar que esta é uma propaganda do governo do Maranhão, e como em outras propagandas que este Estado faz chamando atenção para seu turismo ele coloca uma mulher negra nestes trajes e que desperta atenção pela sua beleza. Em seguida ele chama atenção para as belezas do Maranhão, como as lagoas cristalinas dos Lençóis Maranhenses e as fantásticas Cachoeira de Carolina, entre outras atrações. É a velha forma de despertar a atenção do turista utilizando a imagem da mulher negra sensual. A velha ideia freyriana de que o corpo da mulher está aí para dar prazer, para ser objeto deste.

Figura 05



Ed. 1787 – 29/01/2003 (p.75)

Figura 06



Ed. 1802 – 14/05/2003 (p. 75)

De acordo com Chartier :

Desta forma, pode se pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, da representação do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (Chartier, 2002 p. 19).

Pesquisar a mulher negra estampando páginas da revista é um trabalho, de certa forma, complexo. Pois, envolve lidar com ausências, encontrar imagens soltas, ou mesmo, identificar numa cena de uma escada rolante, e ver aquela última pessoa, passando despercebida no meio de tantos. Ou então encontrar em publicidades governamentais, propagandas do “negro assistido”, ou seja, aquela que se trata de algum programa que vai de alguma forma beneficiar a população mais carente.

Tem também publicidades como esta, a figura 07 que apresenta esse casal negro representando uma imagem carnavalesca, essa propaganda é da Companhia Vale do Rio do Doce. Mais do que uma imagem alegre, o que desperta interesse, são os dizeres em branco e em letras maiores do lado esquerdo da imagem: “Tem que ter energia para evoluir, brilhar e se destacar. Tem que ter energia própria para vencer”. Claro que sendo esta uma propaganda da Companhia vale do Rio Doce, estão falando da produção de minério, e não da evolução do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Daí a pergunta, qual a razão do uso dessa imagem carnavalesca numa propaganda associada à produção de minérios? Eis que vão surgindo respostas, mais de uma até.

Nesse ano de 2003, a Escola de Samba Grande Rio cantou a história da mineração, cuja patrocinadora foi a Companhia Vale do Rio Doce é importante destacar que o Brasil é mundialmente associado ao seu futebol, ao seu carnaval e à mulata sensual, que geralmente “não é a rainha do carnaval” bem como, um país em que brancos e negros vivem sem conflitos. Pode-se dizer também que nesses eventos, o contraste das cores desaparecem, e as “diferenças”, se tornam “quase” pares.

Ao mesmo tempo, não se pode negar que a utilização de negros, principalmente a negra, serve a vários propósitos, faz a publicidade, associa carnaval e mulata, e ainda traz a tona um assunto que foi destaque na edição anterior (1791), que foi o problema das cotas na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Um problema que causou bastante polêmica. E mais, foi nesse ano também que foi implantada a Lei 10.639/03. Associando isso tudo, remete ao leitor aquela ideia:

Para que leis, para que cotas? Cada um tem que vencer devido à sua capacidade, e não sob amparo de leis.

É importante ressaltar que essa lei de obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira”, tem como finalidade superar visões equivocadas e preconceituosas pela forma como foi disseminada a ideia de que os povos de origem africana, são seres inferiores e incapazes. Com a implantação dessa lei coube as entidades de ensino apresentar a “verdadeira África”, bem como, mostrar que o europeu no intuito de dominá-la forjou teorias e a cor da pele passou a ser sinônimo de inferioridade. E a revista será que colabora nos propósitos dessa nova lei, a inserção da mulher negra, a forma como ela é mostrada, suas imagens contribuem para as mudanças que essa lei pretende? Pelo que se viu, não.

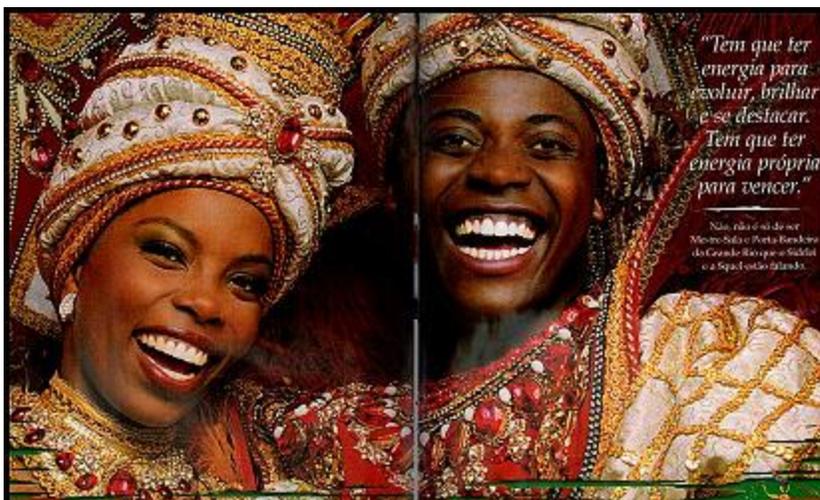
Nota-se que a revista além de não colaborar para combater a discriminação racial ela reproduz preconceitos, basta refletir sobre este *slogan* “Tem que ter energia para evoluir, brilhar e se destacar. Tem que ter energia própria para vencer”. Essa frase evoca à discussão que Lilia Moricz Schwarcz tão bem debateu em seu estudo sobre “O espetáculo das raças”. Ela aponta que no final da escravidão, e em função de um novo projeto político que apresentasse o Brasil como um país que estava despontando, criando uma identidade tornava-se necessário uma justificativa para seu atraso, e esta foi encontrada na figura do negro. Ela discorre esse tema com estas palavras:

Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão-de-obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer certos critérios diferenciados de cidadania. É nesse sentido que o tema racial, apesar de suas implicações negativas, se transforma em um novo argumento de sucesso para o estabelecimento das diferenças sociais. [...] Do darwinismo social adotou-se a diferença entre as raças e a sua natural hierarquia, [...] do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneceriam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento” obliterando-se a ideia de a raça humana era uma (Schwarcz, 1993, p. 18).

Avaliando a frase e os autores desta campanha publicitária, e comparando-os com a afirmação da autora, logo se percebe que a utilização desse termo “evoluir” está bem mais

associado aquele evolucionismo social, destacado no primeiro capítulo, do que ao crescimento de uma empresa.

Figura 07



Ed. 1792 – 05/03/2003 (p. 58-59)

Para muitos a presença do negro na publicidade, por exemplo, é sinal de mudança, principalmente se uma negra aparece fazendo propaganda de uma das maiores operadoras de celulares no Brasil. Na edição 1798 e na edição 1809 do ano de 2003 a operadora Vivo traz como garota propaganda uma negra.

A imagem 08 é uma propaganda de página dupla, sendo que na primeira, a página é toda vermelha representando as cores da Vivo, os dizeres na cor preta, com exceção da palavra Vivo, esta, é de cor branca. E o texto da propaganda é o seguinte: “Com Vivo você vai fazer parte da maior comunidade de celulares da América do Sul, que já nasce com mais de 17 milhões de clientes” (Veja, 1798, p. 18).

Na segunda página aparece a garota propaganda, esta página contrastando com a outra, é em preto e branco, com exceção novamente para o nome e o símbolo da operadora, que estão em vermelho. A imagem do fundo é branca, a garota negra, só rosto e ombros, com os cabelos encaracolados mais negros ainda. A modelo está usando uma blusa de alças finas e um colar, ambos na cor preta só a faixa usada para “domar” os cabelos que tem umas *nuances* brancos. A

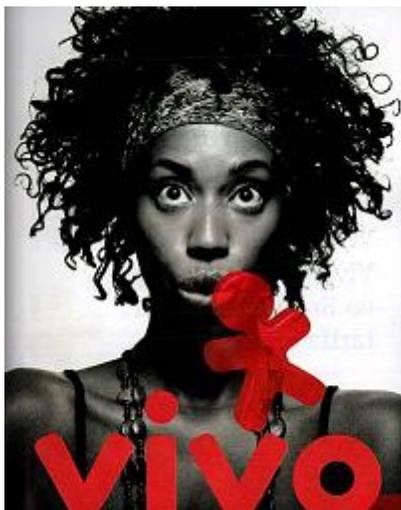
garota faz caras e bocas de impressionada, se mostra estática. A foto destaca seus lábios grossos e seus olhos arregalados. É como se indagasse “eu também posso fazer parte?”

Já a segunda, figura 09, é uma publicidade da mesma operadora patrocinando o evento São Paulo Fashion Week, mostra a mesma garota agora numa pose bem mais descontraída. A imagem agora mostra uma modelo de corpo inteiro, com uma perna aparecendo na abertura da saia. Apresenta colorido, os cabelos libertos da faixa, blusa branca com estampa colorida e uma echarpe rosa, e, seu tom de pele mais claro. E a frase agora é “Vivo na moda”. É como se tivesse dizendo: Com Vivo “até eu” posso fazer parte e andar na moda.

Analisando o aumento de participação da mulher negra nas publicidades, alguns podem até afirmar que está havendo uma inserção do negro, que as “diferenças” estão menos acentuadas. Na verdade não é o negro que está sendo inserido, mas é porquê o negro também é um consumidor em potencial. Desse modo, as publicidades começam direcionar sua atenção para esta parcela de novos consumidores que estão surgindo.

Pensando nisto e avaliando as duas propagandas, é como o antes e o depois. Na primeira ela não fazia parte dos mais de 17 milhões que “já nasciam fazendo parte”, ela não estava entre eles. Após ela ter um vivo sua cor já está num tom mais claro, isso quer dizer que ela pelo seu poder de comprar, começa a fazer parte

Figura 08



Ed.1798 – 16/04/2003 (p. 19)

Figura 09



Ed. 1809 – 02/07/2003 (p.124)

Segundo Carolina dos Santos de Oliveira em sua dissertação “As adolescentes no discurso da Revista *Atrevida* “A mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira cada vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros” (Silva; Rosemberg, 2008, *apud*, Oliveira, 2009, p. 30).

Quinze anos após a Constituição ter criado uma lei onde no intuito de combatê-lo, ele se tornava crime e inafiançável, nota-se que na revista a mulher negra continua associada aos velhos estereótipos. A presença da mulher negra na revista, mesmo como representante de um novo segmento que começa a participar do mercado consumidor, ainda é minoria e sempre acompanhada de algum comentário racistas.

Em 2012, outro ano escolhido devido a implantação da lei de cotas para negros pouca coisa mudou. A mulher negra passa a ter mais oportunidade de frequentar uma universidade e concorrer de forma mais igualitária. Mas, algumas reportagens foram escolhidas apenas para mostrar o quanto a revista ao mostrar a mulher negra, busca escolher imagens que mostram o contraste com a mulher branca. A ilustração a seguir, figura 10, edição 2.251, é de uma reportagem que fala sobre “o estouro do silicone”.

Nesta reportagem dá para notar que as mulheres cuja reportagem são referidas como as “musas do silicone”, são celebridades, cujas fotos, foram escolhidas aleatoriamente a fim de destacar um problema que a mídia vinha destacando bastante. Pode-se notar que esta imagem tem a presença de onze mulheres, sendo três negras e oito brancas. O destaque da imagem é para a escolha da foto de duas negras, uma de frente bem ao centro, numa foto bastante sensual. O outro destaque é para a atriz Thaís Araújo, cuja foto mostrou bem mais que os seios.

Com esta foto inclusive, Thaís Araújo foi capa de uma outra revista da Editora Abril em janeiro de 2010, a *Revista Nova*. Isso mostra que os segmentos midiáticos dessa editora dialogam entre si, no intuito de agradar seus “clientes”. Para Chartier “São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (Chartier, 2002, p, 17).

Mas qual espaço o autor está se referindo? Como citado anteriormente, uma revista precisa conhecer o perfil de seus leitores, bem como suas preferências e com o quê esse cliente se identifica. Essa imagem apresenta mulheres com perfis diferentes, mas todas são mulheres que vivem em destaque na mídia, são modelos, ex-modelos, apresentadoras, cantoras e atrizes,

algumas delas com programas diários e semanal, estas como Xuxa e Ana Maria Braga, as de pele mais clara por sinal, suas roupas nem insinuam os seios.

Entre as mulheres negras estão Halle Barry, atriz que já foi eleita a mulher negra mais sexy do mundo, continua sempre apontada como uma das mais sexy, se apresenta num figurino bastante comportado. A mulher do centro é a modelo Iman da Somália, casada com o cantor David Bowle, esta, já apresenta com os seios bem à mostra, e numa pose bem sensual (estas duas não são brasileiras, e estão citadas apenas por que fazem parte do conjunto). E a última negra é a atriz brasileira Thaís Araújo. Das onze mulheres, Thaís é a única que além dos seios, outras partes de seu corpo estão chamando bem mais atenção. Sua roupa é uma blusa de pedrarias que só possui a parte da frente, a parte de baixo parece ser uma saia mínima, ou algo parecido. Qual a razão para que entre onze imagens de famosas siliconadas, apenas Thaís Araújo foi tão “casualmente” mais exposta e mais sensualizada?

Esta já é a décima figura analisada e na maioria delas todas as mulheres negras remetem aquela ideia freyriana de serva da casa-grande, e principalmente, da negrinha ou mulata fácil que atiçava o colonizador. Parece que mesmo conseguindo mostrar seu talento, conquistar seu espaço a negra ao ganhar destaque na mídia tem que ser representada como a “negrinha voluptuosa”, que agora certamente desperta a luxúria dos assinantes ou dos “anunciantes”.

Figura 10



Ed. 2251 – 11/01/2012 (82-83)

Na figura 11, se refere à propaganda onde os negros mais aparecem, publicidade governamental, são aquelas onde mostra que chegou a vez das classes menos privilegiadas fazerem parte, serem incluídas. É interessante observar quando a propaganda é dirigida a algum programa assistencial, cabe ao negro, nesse caso, a negra ser a garota propaganda.

Neste anúncio do Ministério do Turismo, é anunciado que agora o trabalhador brasileiro “também” pode viajar e se aventurar pelo país como turista, isto tudo, graças a inclusão social e uma melhor distribuição de renda. Daí em diante são enumeradas as facilidades. E depois finaliza: “Viaje pelo Brasil e leve na bagagem o desenvolvimento”. Interessante. Do lado esquerdo escrito em letras brancas diz o seguinte: “O turismo ajuda a garantir uma vida melhor para a Lurdinha mesmo quando ela está de férias”.

Na análise desta foto, nota-se que a modelo foi dividida em duas personagens; uma Lurdinha de férias fazendo turismo, outra, da Lurdinha trabalhando para o turismo. Percebe-se que na imagem do lado esquerdo ela está de uniforme, cabelos presos, e pelo ambiente e os objetos que ela tem nas mãos pode-se afirmar que trata-se da profissão de faxineira. A imagem do lado direito é de uma pessoa na praia. A indagação que segue é o uso da palavra “mesmo” na frase. Por que vida melhor para a mulher negra é quando ela está exercendo serviço subalterno atendendo turista, e não quando ela é a turista, quando está sendo incluída na classe dos que são servidos? Por que associar a atriz negra com um comercial que faz apelo à inclusão?

Numa reflexão mais aprofundada pode-se afirmar que está relacionado à uma negação da existência do racismo, mas principalmente devido ao nascimento ou crescimento de uma nova classe que também viaja e faz turismo, as pessoas negras. Ao reconhecer no negro um emergente consumidor a publicidade se volta para ele. Mas, mesmo diante de um potencial consumidor a mídia não consegue se despir de velhos vícios e termina sempre associando a mulher negra aos antigos papéis.

Corrêa ao comentar sobre a ascensão e inclusão do negro ela aponta que: “Apesar de ter notado o crescimento da classe média negra, os índices de pobreza entre a população negra brasileira e a discriminação em espaços públicos e as reações às propostas de ações afirmativas contradizem essa idealização, tanto no passado quanto no presente” (Corrêa, 2006, p. 24).

explicar a presença de uma atriz que muitos não a consideram negra, nem conseguem perceber que por baixo dos seus bem tratados cabelos, os mesmos podem ser crespos.

Essa referência de cabelos crespos com características que precisam ser domesticadas, domadas, remete à domesticação não só dos cabelos, mas também do corpo. Num processo de entrelaçamento entre natureza e cultura, é por meio do corpo que e das características inscritas nele que entramos em contato com o mundo. Então, para além do biológico, o corpo é domesticado pela sociedade e pela cultura na qual está inscrito (Oliveira, 2009, p. 99).

Na figura 13 Camila Pitanga está fazendo uma publicidade de desodorante para a Rexona, está vestida com um vestido mais descontraído e cabelos soltos, ao fundo da imagem principal, mostra ela fazendo várias coisas, até passeando com um cachorro. Está representando a correria do seu dia. “Sinta-se como nova o dia todo”. Ou seja, aconteça o que acontecer você vai se sentir renovada e cheia de frescor o “dia todo”, afinal são 48 horas de proteção. Com isso estão insinuando que o negro transpira mais? Em um outro comercial para a Rexona, a mesma atriz representando uma personagem dos tempos do Brasil Colônia, como ela não usava desodorante ficava muito insegura, com isso conseguia só os piores papéis, depois começou a usar Rexona sua vida mudou, ao usar o desodorante de maior proteção se tornou a protagonista. Esse outro comercial é a própria resposta.

Na última figura da atriz é a de número catorze 14, é outra publicidade da atriz, da *Caixa* também. De página dupla, a atriz é o destaque da primeira página. Nesta ela se apresenta com os cabelos soltos, a cor de sua pele num tom um pouco mais real. Vestida no estilo da primeira imagem, a saia preta parece até a mesma, blusa branca com estampas miúdas pretas apresenta os ombros à mostra, cinto preto e mais largo. No canto direito está escrito “Programa *Caixa* melhor crédito”. Separado mais embaixo na cor laranja esta escrito: “Micros, pequenos e médios empresários”: (agora em branco), “O programa *Caixa* melhor crédito tem as melhores taxas para vocês”. A estampa do fundo da imagem mostra cabeleireira, padeiro, serralheiro e outros.

Segundo Corrêa (2006) é fato notório que o que sustenta qualquer meio de comunicação são as publicidades. Mas é sabido também que para qualquer anunciante o que interessa é a quantidade de leitores que o seu contratante vai atingir, então, tanto a revista quanto o anunciante,

tem um objetivo em comum, agradar os seus leitores. Isso acontece quando o leitor se identifica com seu conteúdo.

Ao analisar a forma como as três publicidade dessa atriz foi mostrada, inclusive duas são propagandas do mesmo cliente, nota-se que apesar de ser uma artista de grande destaque na mídia, incluindo impressos, publicidade e televisão, sua cor é aquela que a mídia escolhe, senão qual o motivo da primeira imagem apresentá-la com uma cor tão alva? Parece até, que quando eles chamam atenção dizendo: “Olha o resultado” estão apresentando o resultado do projeto de branqueamento da população negra

Figura 12



Figura 13



Figura 14



Ed2251 – 11/01/2012 (p.38) Ed. 2253 – 25/01/2012 (p. 27) Ed.2281 – 08/08/2012 (p. 102)

Sobre esse assunto Munanga faz a seguinte afirmação sobre os defensores do embranquecimento:

Todos, salvo algumas exceções, tinham algo em comum: influenciados pelo determinismo biológico [...] acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra[...]. Acreditava no nascimento de um povo tipicamente brasileiro, que resultaria da mestiçagem entre estas três raças [...] do qual resultará a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar-se-ia a predominância biológica e cultural branca e o

desaparecimento dos elementos não brancos (Romero,1975, *apud*, Munanga, 2008, p. 49)

Este retorno ao pensamento de meados do século XIX, é apenas no intuito de mostrar “o quê” os estudiosos que colaboraram com a escrita da história da nação que se despontava, almejavam e esperavam com a mistura desses povos.

Ao refletir no modo como certas “verdades” são apresentadas, leva a compreender de acordo com Roger Chartier, o que existe são representações: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002. p. 16-17).

Portanto para Chartier (2002), não existe realidades, o que existe são construções. Desse modo, tentar compreender o presente de uma determinada sociedade, ou, que o mesmo tenha algum sentido, é necessário avalia-la em seus vários aspectos, como ela se classifica, de que forma ela se divide, e de certa forma, como ela é apreendida e compreendida pelos indivíduos que a compõem. Pois de acordo com o citado anteriormente, é nesse contexto que as representações são inseridas.

Assim, torna-se necessário associar estas representações aquilo que Perseu Abramo cita como sendo a “manipulação da informação”, logo, nesta análise a revista passa a ser avaliada no sentido de perceber se “A manipulação das informações se transforma, assim, em manipulação da realidade” (Abramo, 2003, p.24).

Quando o destaque é carnaval é comum folhear revistas e se deparar com mulheres fantasiadas, algumas com muito colorido, incluindo muitas pedrarias e penas, outras abusam do dourado ou prateado, o objetivo é se destacar. Carnaval significa corpos à mostra, mulheres seminuas, é o espetáculo onde as “diferenças” praticamente desaparecem e todos se tornam pares.

Tempo de carnaval, a mídia toda se volta para esse acontecimento, as revistas recheadas com fotos das musas, ou rainhas que mais se destacaram. A foto abaixo faz parte de uma série de imagens femininas que a *Veja* trouxe em destaque na edição 2258 de fevereiro de 2012. A figura 15 em destaque é “Jéssica Pimentinha”. A matéria diz o seguinte: “quando todo o mundo achou que havia visto de tudo em matéria de ousadia reboativa a formidável Jéssica Pimentinha elevou

o índice de capsaicina⁶ a níveis incendiários”. Estão se referindo ao adereço em forma de uma cauda, com pimentas feitas de pedrarias, coladas no tapa sexo. Segundo as informações com objetivo de espantar as más vibrações.

Até aí tudo bem é apenas mais uma modelo com uma fantasia exótica, “uma cauda de pimentas” balançando, afinal é carnaval, qualquer fantasia é válida. O que despertou atenção para um segundo olhar, foi que ao compará-la com as outras modelos que aparecem ao lado, nota-se que enquanto as outras personagens o destaque é para todo, incluindo rosto e sorriso, ela só é costas, chamando atenção para o adereço da cauda, e o lugar no qual ele está fixado, notem que nem rosto ela tem. Uma das coisas que mais se nota é que negra no carnaval quase não tem rosto.

Logo, ela é apenas uma mulher negra de costas que chama atenção por elevar os níveis de endorfina, que tem seus atributos físicos relatados na página seguinte ao destacar a graciosidade da atriz Sophie Charlotte, a qual é citada como a melhor representante dos sem aditivos, faziam em seguida uma descrição de seu peso e suas medidas, destacando que estes, eram só a título de comparação com os números da “apimentada ao lado”, no caso, Jéssica Pimentinha.

Já Luiza Brunet, fantasiada de deusa africana, composta de maiô com uma espécie de saio na frente e penas atrás, com um aplique de cabelos longos e crespos. Dá a entender que talvez não precisasse cobrir tanto, mas “Sou uma senhora e não uma novata que precisa desfilar seminua para ter destaque” esta frase é da própria Brunet” (2012, p.75).

Pode-se afirmar com certeza que houve a intencionalidade de retratar a negra dessa forma estereotipada. É aquilo que Perseu Abramo chama de “Padrão de inversão”, ele afirma que isto acontece quando prioriza umas coisas em detrimento de outras, havendo assim uma troca de lugares e importância aquilo que deveria vir em primeiro plano ou chamar a atenção torna-se secundário, é o que ele nomeia como sendo: “Inversão da relevância dos aspectos: o secundário é apresentado como o principal e vice-versa; o particular pelo geral e vice-versa; o acessório e supérfluo no lugar do importante e decisivo; o caráter adjetivo pelo substantivo; o pitoresco, o esdrúxulo, o detalhe, enfim, pelo essencial” (Abramo, 2003, p. 29

⁶ Substância encontrada por exemplo na pimenta, rica em capsaicina que aumenta os níveis de endorfina, substância associada ao prazer e ao bem-estar. <http://saude.ig.com.br/bemestar/10-alimentos-que-melhoram-o-humor/n1237803736332.html>

Figura 15



Ed.2258 – 29/02/2012 (p. 74)

Três recortes foram escolhidos e em cada ano apresentado, pouco ou quase nada mudou. Nove anos após a obrigatoriedade do ensino do “História e Cultura Afro-brasileira” como forma de combater o racismo, este, ainda se mostra presente de forma quase explícita. Se faz presente ao apresentar a negra em funções de servidão, quando explora a sensualidade ou na apresentação de imagens como esta analisada anteriormente representando o “exótico”, não podendo deixar de citar as frases que ficam subtendidas. E o mais grave, naquela falsa inserção da negra na publicidade por exemplo, aquela falsa impressão que as coisas para a negra está mudando quando por trás da presença desta, o que existe nada mais é, que uma tentativa de atingir um público que também é um consumidor em potencial e começa a cobrar sua presença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar essa pesquisa chega-se a conclusão de que, as teoria raciais, sobretudo no que diz respeito a visão e as ideias construídas sobre o negro nos século XIX e XX, ainda tem forte presença entre nós. Quando se olha principalmente para o que afirmara Freyre sobre a mulher negra, ou ainda quando se depara com os discursos no final do XIX, em que intelectuais brasileiros e também políticos afirmavam a “inutilidade do negro”, sua incapacidade de se integrar a sociedade, posto que para eles tratava-se de um povo inferior.

Quando se olha para a Revista *Veja*, se encontra uma mulher quase sem rosto, destacando imagens que perpetuam o lugar subalterno que aqueles intelectuais de outrora acreditavam ser destinado ao negro. É a mulher muitas vezes posta ora como faxineira, recebendo favor ora como objeto sexual.

À medida que o olhar se volta para a negra na revista, mais as possibilidades de tecer alguma consideração vão sendo despertadas. Uma vez que, dentre as imagens analisadas em nenhuma delas a negra apareceu representando uma família em seu cotidiano, nem em um daqueles comerciais que apresentam famílias felizes. Logo, a visão freyriana vai se sobrepondo, e a negra continua associada àquela imagem da desgarrada, pois, nem mesmo seus filhos lhe pertenciam, já que ela era apenas reprodutora. Lembrando que nesta mesma sociedade a mulher ideal era aquela que tinha marido e filhos, e era totalmente dedicada a eles.

Na revista uma das primeiras coisas notadas, talvez por se tratar das primeiras imagens analisadas, é que as duas negras que apresentam ter a cor da pele mais escura, foram as que apareceram como empregada doméstica e como faxineira. Isso mostra que ainda hoje quanto maior a quantidade de melanina, mais as possibilidades ficam restritas aos serviços subalterno, e a revista intencionalmente ou não, fez questão de mostrar isto.

Uma das surpresas dessa pesquisa foi o aumento da presença da mulher negra na publicidade. Uma vez que, das quinze figuras analisadas, nove eram campanhas publicitárias. Destas, cinco eram propagandas para empresas privadas e quatro eram propaganda governamental. Todavia, o fato de a publicidade ter elevado o número de mulheres negras, não quer dizer que a revista tem mudado o comportamento em relação a esse grupo, porque a propaganda é um negócio. Ainda assim, não se pode negar que seja na publicidade ou em

reportagens, a revista vende imagem, as quais continuam representando estereótipos, deste ponto de vista, a *Veja* continua perpetuando as velhas ideias racializadas inspiradas em antigos pressupostos raciais.

O motivo para apontar essas considerações é apenas para constar que mesmo a negra sendo a garota propaganda do Ministério do Turismo, por exemplo, nota-se que ainda impera antigas referências, lugar de negro e lugar de branco, que a negra está ali só para mostrar que o Governo está beneficiando igualmente, afinal, está criando pacotes para “beneficiar”, não deixando de perceber porém que ela está ali representando o “outro” é a presença daquela antiga “visão paternalista” entre senhor e servo. Não esquecendo de pontuar ainda que o interesse da propaganda é vender, e negro também trabalha, portanto, uma minoria, dentre os muitos tem condições de viajar.

É interessante verificar que em todas as publicidades, à primeira vista parece uma simples propaganda, quando parte para a análise proposta é fácil constatar a presença do racismo, pois na maioria das vezes ficam subtendidos, ou na apresentação de termos que apresentam duplo sentido. Como por exemplo, o termo “evoluir” e “vencer” estas palavras podem, e até tem outros significados, mas quando estão relacionadas ao negro a primeira coisa que ela remete é ao termo “evolucionismo racial”, que tanto Munanga, quanto Shwarcz, apontam e discutem sua apropriação relacionando-a aos grupos hegemônicos e seu uso para perpetuar a hierarquização, afirmando que o negro era inferior, no entanto, poderia evoluir e tornar-se branco.

Ao analisar a imagem, não se pode deixar de apontar que mesmo aquelas que mostram uma negra “tipo inserida”, como os comerciais da Caixa que mostram Camila Pitanga, em um deles, a atriz teve o tom da pele bastante clareado, se tornando uma branca quase rosada, é como se dissesse não basta ter talento para participar, precisa acima de tudo ser branco.

Estas pontuações é apenas para ressaltar que ficou evidente que para muitos as modificações no que se refere ao corpo representam inserção, se adequar significa fazer parte. Mas, a parte mais perceptível é quando a imagem analisada faz parte de alguma coluna da revista, nestas, as características como corpo e cabelo são claramente destacáveis pela facilidade em perceber uma carga racialista mais fácil de ser notada.

É notório que as negras são sempre destacadas em trajes sumários, que seus cabelos ou penteados são repetidamente citados, levando a perceber com isto, que querem mostrar não é a

pessoa, mas a negra. Visto que, os cabelos são uma das características que mais aparecem nas piadinhas e das características destacáveis da negra. Quando não chamam atenção para os cabelos, apontam para o exótico. No Carnaval ou no mar a mulher negra tem “bunda”, tem pernas, tem fantasias esdrúxulas que surpreendem, mas não tem rosto. Resumindo, assim como, a negra de que Freire tanto falou que eram mãos, pés, braços, pernas, seios e sexo, a mulher negra de hoje representa tudo isso. Só que ao invés de estar na senzala ou casa-grande, estão expostas na revista. Numa imagem ela é o corpo que chama a atenção do turista para as belezas naturais, já quando estão mostrando o carnaval elas são os pés da passista no samba, “bundas” que rebolam, seios que balançam, tudo isso para representar a mulata brasileira e sensual. Já as mãos, estas, continuam invisíveis atrás das bandejas, trabalhando na faxina ou servindo de babá.

Dentro desta exposição bastante ampla pode-se afirmar que a revista reproduz e perpetua preconceitos, estereótipos. Pois nenhum momento tomou uma posição no sentido de suscitar argumentos que levassem o leitor a uma reflexão historicizante sobre a ausência ou a forma como o negro ainda é visto na sociedade. Quanto a matéria do Centenário da Abolição, com discussões bem pertinentes, esta se apresentou apenas como sentimento de dever cumprido, não esquecendo ainda de enfatizar, que as ilustrações acompanhando o texto desconstruía de certa forma o trabalho de Luiz Felipe de Alencastro.

Pode-se afirmar ainda que a partir do momento que uma revista veicula publicidades contendo elementos que colaboram na manutenção de velhas práticas, ela dá suporte para a sustentação de antigos mitos, ela se torna de certa forma reprodutora dessas crenças.

Desse modo, pode-se afirmar que apesar das dificuldades encontradas para completar esse estudo conclui-se que entre ausências e mudanças de direcionamento da pesquisa o objetivo foi alcançado, pois dentro da análise e da metodologia proposta a hipótese foi confirmada, pois como foi citado anteriormente quando a mídia serve de veículo de “sustentação de qualquer discurso que naturaliza a superioridade do branco, ela discrimina o negro e colabora na disseminação e perpetuação do racismo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de & FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALGRANT, Leila Mezan. *Honradas e devotas: Mulheres da Colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1780-1822*. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: Edunb, 1993.

BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, A. P. G; FERREIRA, L. M. A (Orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, M (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Portugal: Difel. 82 – Difusão Editorial S. A: Portugal; *Memória e sociedade*: Rio de Janeiro, 2002.

CIRIBELLI, Marilda Correa. *Mulheres singulares e plurais: (sofrimento e criatividade)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=DoBZMz4erZIC&pg=PA171&dq=Por+uma+historia+de+mulher+leitura+online&hl=pt->

[BR&sa=X&ei=f77gUaCTOIWcrgHYtoCQDQ&ved=0CHAQ6AEwCQ#v=onepage&q=Por%20uma%20historia%20de%20mulher%20leitura%20online&f=false](http://books.google.com.br/books?id=DoBZMz4erZIC&pg=PA171&dq=Por+uma+historia+de+mulher+leitura+online&hl=pt-BR&sa=X&ei=f77gUaCTOIWcrgHYtoCQDQ&ved=0CHAQ6AEwCQ#v=onepage&q=Por%20uma%20historia%20de%20mulher%20leitura%20online&f=false) > Acessado em 22/08/2013 às 13:59.

CORRÊA, Laura Guimarães. *De corpo presente: o negro na publicidade em revista*. Belo Horizonte, 2006. Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da FFCH/UFMG (Dissertação de mestrado em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=30916> Acessado em 06/08/2013 às 15h41min.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Corpo a corpo com a mulher*. São Paulo: Editora Senac, 2000. Disponível em <

- http://books.google.com.br/books?id=S1ExywdP62wC&printsec=frontcover&dq=Historia+da+mulher&hl=pt-BR&sa=X&ei=2R_jUZToLeqi4AP9r4CgCw&ved=0CFAQuwUwBg#v=onepage&q=Historia%20da%20mulher&f=false > Acessado em 06/08/2013 às 16h22min.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ESTUDOS MARPLAN 2008. *Conceitos e Técnicas da Mídia I*.<http://professor.ucg.br/siteDocente/admin/arquivosUpload/12516/material/Conceitos%20e%20t%C3%A9cnicas%20I.pdf> .Acessado em 21/10/2013. Às 14h16min.
- EUCLIDES, M. S. et al. *O Sentido da Liberdade para Mulheres Negras: Discussão Necessária*. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidade e (Des)Igualdades. XI, 2011. Bahia (UFBA). P.1-14. Disponível em:<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308360846_ARQUIVO_artigoconlab.pdf> Acessado em 09/10/2013. Às 15h27min.
- FADE, J. D. *A evolução da historiografia da África*. Disponível em<<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-evolucao-da-historiografia-da-Africa.pdf>>Acessado em 10/11/2013. Às 22h36min.
- FALCI, M. K. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, M (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- FREIRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil-I*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Nilma Lino Gomes. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em <http://www.google.com.br/#output=search&client=psy-ab&q=livro+educa%C3%A7%C3%A3o+anti-racista+caminhos+abertos+pela+lei+federal&oq=Livro+%22Educa%C3%A7%C3%A3o+anti&gs_l=hp.1.0.0i30.7307.27092.0.30825.20.20.0.0.0.0.1163.10363.4-15j3j1j1.20.0...0.0.0..1c.1.17.psy-

ab.fmNjN5hWgEI&pbx=1&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.48705608,d.dmg&fp=17362fd6494020c4&biw=1366&bih=667> . Acessado em 04/07/2013 às 15h59min.

_____. *Trajétoias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* UFMG, Faculdade de Educação, 2002, (p. 40-51). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acessado em 24/10/2013 às 00h11min.

GONZALEZ, Lélia. *Militante e mulher*. Disponível em <http://www.cedine.rj.gov.br/content/cultural/personalidades/lelia_gonzalez.asp> Acessado em 10/11/2013. Às 15h39min.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Raquel. O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, s/d. Disponível em

<[http://books.google.com.br/books?id=DnMJViQb89QC&pg=PA13&dq=As+mulheres+e+o+sil](http://books.google.com.br/books?id=DnMJViQb89QC&pg=PA13&dq=As+mulheres+e+o+sil%C3%A2ncio+da+Hist%C3%B3ria&hl=pt-)

[BR&sa=X&ei=G7vgUcPrEMrJrgG8yoHIBA&ved=0CE8Q6AEwBjgK#v=onepage&q=As%20mulheres%20e%20o%20sil%C3%A2ncio%20da%20Hist%C3%B3ria&f=false](http://books.google.com.br/books?id=DnMJViQb89QC&pg=PA13&dq=As+mulheres+e+o+sil%C3%A2ncio+da+Hist%C3%B3ria&hl=pt-BR&sa=X&ei=G7vgUcPrEMrJrgG8yoHIBA&ved=0CE8Q6AEwBjgK#v=onepage&q=As%20mulheres%20e%20o%20sil%C3%A2ncio%20da%20Hist%C3%B3ria&f=false)>. Acessado em 06/08/2013 às 16h29min.

MENDES, Deisiane de Jesus. *Classificação dos criminosos segundo: Lombroso, Ferri e Garofálo*. Disponível em: <<http://www.atenas.edu.br/faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAJURI2006/7.pdf>> Acessado em 03/06/2013 às 16h37min.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Entre a mão e os anéis: A Lei dos Sexagenários e o caminho da abolição no Brasil*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008.

MUNANGA, kabengele & GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC, v.8. n° 2, p. 9-41, 2000. Disponível em <<http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n02/v08n02a02.pdf>>. Acessado em 21/07/2013 às 14h36min.

NOGUEIRA, Isildinha B. O Corpo da Mulher Negra. Disponível em <http://www.antroposmoderno.com/antro-version-imprimir.php?id_articulo=133> Acessado em 21/10/2013 as 22h20min.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. *As Adolescentes Negras no discurso da Revista Atrevida*. Belo Horizonte: 2006. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/F/AEC-83UMCB/adolescentes_negras_no_discurso_da_revista_atrevida.pdf?sequence=1> Acessado em 25/10/2013 às 15h46min.

PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. . In: DEL PRIORE, M (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher. In. MATOS, Maria Izilda S. de & SOIHET, Raquel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, s/d. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=DnMJViQb89QC&printsec=frontcover&dq=o+corpo+feminino+em+debate&hl=ptBR&sa=X&ei=sdEoUp2OK7KpsASK_IGQAQ&ved=0CDEQ6AEwAA#v=onepage&q=o%20corpo%20feminino%20em%20debate&f=false> Acessado em 05/09/2013 às 15h13min.

PRAXEDES, Walter. *Eurocentrismo e racismo nos clássicos da filosofia e das ciências sociais*. Revista Espaço Acadêmico – N° 83 – Abril de 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/083/83praxedes.htm> >. Acessado em 06/05/2013 às 18h15min.

RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil: Com um estudo do Professor Afranio Peixoto*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. Biblioteca Digital Jurídica – STJ <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bd000060.pdf>> Acessado em 28/05/2013 às 14h58min.

ROMERO, Sylvio. *A História da Literatura Brasileira (vol.1)*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier – Livreiro Editor, 1888. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas. Disponível em:

<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01615110#page/141/mode/1up>>. Acessado em 27/05/2013 às 16h05min.

RUFINO, Alzira. *Mulher negra uma outra história*. S/d Disponível em <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_artigos.htm> Acessado em 16/08/2013 às 16h47min.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*. Disponível em <<http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>Acessado em 07/08/2013 às 16h47min.

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acessado em 25/07/2013 às 19h22min.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *Diversidade de Gênero – mulheres*. * Pós-Doutorado em História. Docente da Universidade Federal da Paraíba., nos Mestrados de História e de Ciências Jurídicas/Área de Direitos Humanos. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa1_diversidade_genero.pdf> Acessado em 08/08/2013 às 15h26min.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da História das mulheres e das Relações de Gênero*. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o ensino da História da África no Brasil. In: *Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em <http://www.google.com.br/#output=search&sclient=psy-ab&q=livro+educa%C3%A7%C3%A3o+anti-racista+caminhos+abertos+pela+lei+federal&oq=Livro+%22Educa%C3%A7%C3%A3o+anti&gs_l=hp.1.0.0i30.7307.27092.0.30825.20.20.0.0.0.0.1163.10363.4-15j3j1j1.20.0...0.0.0..1c.1.17.psy-

ab.fmNJn5hWgEI&pbx=1&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.48705608,d.dmg&fp=17362fd6494020c4&biw=1366&bih=667> . Acessado em 04/07/2013 às 15h59min.

PERIÓDICOS:

OLIVEIRA, Dennis de. Mídia: Pesquisa demonstra o racismo das revistas segmentadas. *Revista Caros Amigos*. São Paulo: Editora Casa Amarela Ltda. 2011, ano XV nº 175.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril S. A. Disponível em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acessado em 26/10/2013. Às 18h56min.

Edição 1015 de 17 de fevereiro de 1988, p. 52.

Edição 1027 de 11 de maio de 1988, p. 20-43

Edição 1027 de 11 de maio de 1988, p. 31.

Edição 1030 de 01 de junho de 1988, p. 92-93.

Edição 1787 de 29 de janeiro de 2003, p. 75.

Edição 1802 de 14 de maio de 2003, p.75

Edição 1792 de 05 de março de 2003, p. 58-59.

Edição 1798 de 16 de abril de 2003, p.19.

Edição 1809 de 02 de julho de 2003, p.124 (quarta capa).

Edição 2251 de 11 de janeiro de 2012, p. 82-83.

Edição 2250 de 04 de janeiro de 2012, p. 103.

Edição 2251 de 11 de janeiro de 2012, p. 38.

Edição 2253 de 25 de janeiro de 2012, p. 27.

Edição 2281 de 08 de agosto de 2012, p. 102.

Edição 2258 de 29 de fevereiro de 2012, p.74.

Epígrafe

LUCINDA, Elisa. Ashell, Ashell, pra todo mundo Disponível em http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wpcontent/uploads/2012/01/douglas_rodrigues.pdf Acessado em 10/11/2013. Às 18h56min.